



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UnICEUB
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

CLEUDON PAULO CARVALHO JÚNIOR

**IMAGINÁRIOS DA GUERRA GRANDE:
REPRESENTAÇÕES DA GUERRA DO PARAGUAI NAS
ILUSTRAÇÕES DA REVISTA CARIOCA SEMANA ILUSTRADA (1865-
1870)**

BRASÍLIA

2019



Cleudon Paulo Carvalho Júnior

**IMAGINÁRIOS DA GUERRA GRANDE:
REPRESENTAÇÕES DA GUERRA DO PARAGUAI NAS
ILUSTRAÇÕES DA REVISTA CARIOCA SEMANA ILUSTRADA (1865-
1870)**

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica
apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e
Pesquisa.

Orientação: Frederico Castilho Tomé

BRASÍLIA

2019

RESUMO

O presente trabalho busca apresentar uma história contada de forma imagética, o objeto utilizado para esse conteúdo são as charges contidas nos periódicos *Semana Ilustrada do Rio de Janeiro* e *El Centinela, periodico serio y jocoso*. Presente nesse trabalho, existe também uma atenção especial para a historiografia. Bibliografias foram escolhidas para criar um resultado final comparado e gerar uma história sobre a Guerra do Paraguai. Ainda para dar contexto histórico, buscamos apresentar uma breve história sobre a imprensa brasileira e todo esse conteúdo vai criar uma história nova sobre a Grande Guerra, contada pela historiografia e principalmente pelas charges.

Palavras-Chave: Guerra do Paraguai. Imprensa. Charge.

Lista de Charges

1º	_____	:29
2º	_____	:30
3º	_____	:31
4º	_____	:32
5º e 6º	_____	:33
7º	_____	:34
8º	_____	:35
9º	_____	:36
10º	_____	:37
11º	_____	:38
12º	_____	:39
13º	_____	:40
14º	_____	:41
15º	_____	:42
16 e 17º	_____	:43
18º	_____	:44
19º	_____	:45
20º	_____	:46
21º	_____	:47
22º e 23º	_____	:48
24º	_____	:49
25º e 26º	_____	:50
27º	_____	:51
28º	_____	:52
29º e 30º	_____	:53
31º	_____	:54
32º	_____	:55
33º	_____	:56
34º	_____	:57

Sumário

Introdução: 1

Fundamentação Teórica: 6

Metodologia: 8

A Guerra do Paraguai: 9

Uma breve história da imprensa no Brasil e periódicos: 19

Uma introdução a revista *Semana Ilustrada*: 25

Uma introdução a *El Centinela*: Periódico serio y jocoso: 27

Charges: 28

Considerações Finais: 58

Referências Bibliográficas: 60

Introdução

A Guerra do Paraguai foi um ambiente de derrocada para seus personagens principais, por um lado o Brasil venceu o embate, se tornou a maior potência da América do Sul e até hoje é assim. Por outro lado, entrou em dívidas enormes e Dom Pedro II perdeu influência. O Paraguai foi totalmente destruído pela tríplice aliança, formada por brasileiros, uruguaios colorados e argentinos de Bartolomé Mitre, a aliança caminhou até uma vitória apática e cheia de problemas distribuídos. Todo o conflito é relatado em diversas bibliografias, algumas delas estão presentes neste trabalho, entretanto o objetivo central da pesquisa é analisar e entender as nuances presentes nas charges selecionadas dos periódicos “*Semana Ilustrada do Rio de Janeiro* e *El Centinella, periódico serio y jocoso*”.

Dentro do elemento chargista encontramos diversidade interpretativa e uma riqueza incrível de formas expositoras do próprio elemento. Dentro dos periódicos encontraremos charges diversificadas e dividimos as principais entre políticas, religiosas, satíricas e ofensas diretas. As divergências presentes entre os periódicos também fazem diferença, vale lembrar que o periódico paraguaio foi criado para manutenção de informação dentro da guerra e por outro lado o brasileiro já existia com posições favoráveis ao império.

Dentro da equação bélica temos muitas figuras importantes e elas também estão presentes nas charges, dentro do trabalho também existem textos dos periódicos, entretanto o objetivo central é uma análise imagética que busca entender o decorrer da guerra em todos os ambientes. As grandes perguntas do trabalho pairam sobre a fidelidade dos periódicos quanto aos acontecimentos belicosos, sobre a mudança ou manutenção dos pensamentos e posicionamentos dos periódicos quanto a guerra e nação.

Toda pesquisa precisa de uma base historiográfica, por mais que o objeto estudado falasse por si só dos acontecidos, era necessária uma pesquisa sobre o contexto histórico do ambiente e só assim a comparação poderia ser verossímil. A base foi uma busca por clássicos sobre a Grande Guerra como “*Maldita Guerra*” de Francisco Doratioto, “*Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*” de Ricardo Salles e também historiografias mais recentes como a participação de Vitor Izecksohn em “*O Brasil Imperial Volume II*”.

Dentro do tema guerra foi analisado cada uma destas historiografias, a análise montou um ponto comparativo e então a formação de um capítulo sobre a própria guerra. A análise e contraponto usando esses autores é uma parte da alma da pesquisa, é importante recorrer a essas bibliografias já que existem muitas interpretações sobre os acontecimentos da Grande Guerra. Dentro das pesquisas realizadas entendemos que as bibliografias mais fiéis aos acontecimentos são essas e, portanto, uma parte do trabalho estão baseadas nelas.

Seguindo essa linha de raciocínio vamos a comparações sobre a bibliografia selecionada e os periódicos escolhidos. Visando essa comparação, criamos uma sequência de datas sobre cada acontecimento bélico na guerra e a partir destas datas a veracidade das informações seriam comparadas. Alguns acontecimentos foram expostos em forma textual, por exemplo a dezanovada, provavelmente a batalha foi o ambiente mais conhecido da guerra, mesmo que o combate fosse uma finalização e confirmação da vitória. A dezanovada foi descrita em todas as bibliografias apresentadas e comemorada em charges da *Semana Ilustrada*. O periódico brasileiro, assim como os paraguaios sempre descreviam e comemoravam as vitórias em suas páginas.

Como todos os acontecimentos eram relatados em charges o foco de análise não foi direcionado para essas comemorações. O critério utilizado para selecionar as charges foi baseado no peso que a análise teria, como a charge transmitiria a informação sobre a guerra e nem sempre o fator óbvio passava a mensagem que uma charge transmitia. Quando as charges apresentavam vitórias eram sempre construídas em um padrão e em todas as edições do periódico só uma charge desse tipo fugiu do padrão. As charges sempre vangloriavam incessantemente os soldados e comando brasileiro dentro da guerra. Entretanto, uma das últimas charges sobre a guerra apresentava o Dr. Semana e o Moleque comemorando cabisbaixos o fim da guerra. Essa charge definia o sentimento de pós-guerra, o luto era maior do que as conquistas e isso ficou nítido nas bibliografias e no periódico.

Foram analisadas aproximadamente mil e quinhentas charges durante todo o decorrer da pesquisa, o periódico respeitava um padrão de quatro charges dentre as oito páginas produzidas semanalmente, entretanto, existiam exceções quanto a isso e algumas edições comemorativas ou informativas com teor de urgência recebiam mais charges, textos e até páginas. Toda a pesquisa era pautada no elemento da

imprensa e aí está a outra parte da alma do trabalho. Não era possível ignorar a importância que a imprensa teve na realização dessa pesquisa, todo conteúdo produzido aqui é fruto de uma análise na imprensa e isso criou uma necessidade de uma atenção específica.

Toda escrita sobre a história da imprensa foi baseada no clássico “*História da imprensa no Brasil*”, de Nelson Werneck Sodré. O livro é um clássico e como base é um dos mais completos e respeitados sobre o assunto. Dentro da narrativa se tornou necessário um método comparativo e a bibliografia escolhida para complementar a narrativa foi “*O oitocentos entre livros, livreiros, impressos, missivas e bibliotecas*” de Gladys Sabrina Ribeiro, Monique Gonçalves e Tania Ferreira. O livro é atual e tem inúmeras bibliografias como base comparativa, inclusive o clássico de Sodré que é referência em todos os trabalhos sobre imprensa.

Uma parte da imprensa brasileira foi manuseada por mãos portuguesas que ainda comandavam a então colônia. O periódico que tomou o pontapé inicial foi *A Gazeta do Rio de Janeiro*, no fim das contas não passava de um ambiente comunicativo e parcial a decisões da família real. Os primeiros periódicos que abdicaram desse sistema foram massacrados pelas leis de censura e se usar de justiça a imprensa brasileira teve um nascimento bem igual a paraguaia. O Correio Braziliense de Hipólito José da Costa tem muita influência no início da imprensa brasileira, entretanto a censura do império dificulta a entrada do periódico produzido na Inglaterra em portos brasileiros.

Até a Guerra do Paraguai a imprensa brasileira evoluiu de forma desenfreada, muito dessa evolução também é graças ao criador da *Semana Ilustrada*. Henrique Fleiuss trouxe uma mentalidade para a imprensa brasileira que gerou avanços notórios, ele é provavelmente o precursor da qualidade chargista conhecida no seu periódico e a charge não é somente uma forma de expor conteúdo, a charge é uma forma de mascarar ou expor nitidamente opiniões públicas e pessoais dentro da revista.

Dentro da análise das charges é perceptível os momentos em que a narrativa é transferida de um ambiente patriótico para um ambiente de insatisfação. Entretanto, a revista era partidária ao império e isso a impedia de forçar duras críticas as atitudes imperiais. Em geral, a insatisfação era colocada sobre as costas dos inimigos e de

forma minuciosa Fleiuss usava seu alter ego como ferramenta fundamental nas opiniões veladas da *Semana*.

Do lado paraguaio as opiniões nunca eram contra a liderança de López, pois não existia espaço para críticas ao líder paraguaio. Nesse período a liberdade de imprensa paraguaia era semelhante à dos anos iniciais no Brasil, o regime era de controle absoluto de uma boa imagem e Solano não permitia opiniões contrárias a dele. Era um padrão há muito tempo conhecido de um governo absolutista, todos os poderes respondiam as ordens de López e seu cargo de presidente vitalício dizia muito sobre seu poder absoluto.

O rumo que o trabalho tomou já era previamente definido, entretanto o andamento das pesquisas no periódico paraguaio apresentou a maior dificuldade da pesquisa, a revista paraguaia tinha um conteúdo de qualidade muito inferior a brasileira. Em geral as charges do periódico tinham muita “poluição” textual ao seu redor, muitas charges precisaram de renderização, em geral, as charges da *Semana Ilustrada* ganharam um foco maior pela qualidade e quantidade.

Mesmo em quantidade reduzida as charges paraguaias elucidaram bem o conteúdo contido em suas páginas, diferente da revista brasileira que utilizava de inúmeros artifícios nas charges, o periódico paraguaio era direto e certo. Não se gastavam páginas com charges mirabolantes ou textos que necessitavam de grande interpretação. As charges eram diretas, tinham como objetivo ofender seus inimigos ou criar sentimentos patrióticos usando as vitórias.

Durante a formulação do conteúdo inúmeras formas foram pensadas e em geral a parte tranquila foi a formação do coração do trabalho. As charges ocuparam a maior parte do tempo de pesquisa, não por serem de difícil análise e sim pela quantidade. As análises foram pontuais, o que se mostrou importante foi como sequenciar essas informações para que uma análise complementasse a outra e assim gerasse um conteúdo de sequência lógica. A parte mais penosa do trabalho foi a organização do conteúdo total do trabalho, as charges naturalmente teriam mais importância, sendo assim, a maior parte do espaço foi dedicado a elas, entretanto o trabalho precisava ter lacunas eliminadas com historiografia e a história dos periódicos unida a história da imprensa foi o grande aliado nesse momento.

O objetivo específico do trabalho é contar a história da Guerra do Paraguai através das charges, cada charge recebeu uma análise e uma conclusão sobre suas

informações. Dentro dos objetivos gerais nós demos um foco para uma base historiográfica, essa base dá sustentação a pesquisa e não deixa as charges flutuando como objeto único. Julgamos importante a presença de uma contextualização sobre a guerra e a história da imprensa. Por um lado, a explicação da guerra facilita a análise de cada charge e o entendimento de cada uma. Por outro lado, dar um contexto sobre a história da imprensa utilizando também uma breve história sobre cada periódico é muito importante, entender a história da imprensa deixa em evidência seu efeito em todas as camadas sociais. A divisão do trabalho é feita para criar uma sequência que conta uma história, inicialmente uma história de base que dá lugar a uma história contada por cada charge e cada análise de charge.

Fundamentação Teórica

A fundamentação teórica dessa pesquisa legitima todo o processo em que ela foi exposta, a forma em que escolhemos trabalhar ganha vida através de um método comparativo e busca analisar cada particularidade de seu objeto de pesquisa. Não é novidade que a pesquisa em geral necessita da História Comparada, só existe renovação histórica através de um método comparativo que utiliza as fontes antigas e tira dessa comparação uma reformulação histórica. Tal reformulação carrega sobre si o peso da nova verdade sobre o objeto estudado, obviamente não suporta um título de verdade completa, entretanto não deixa de receber tal título indiretamente.

“Maturidade intelectual e erudição são características exigidas aos que se aventuram na comparação histórica, condições necessárias, mas não suficientes, é certo, para o seu sucesso. O comparatista se destaca como quem realiza um feito extraordinário: para além do necessário domínio de sua história nacional, aventura-se também no conhecimento de outras histórias nacionais. Se considerarmos a crescente especialização da profissão e o crescimento exponencial dos conhecimentos – produzidos em diferentes espaços disciplinares – passíveis de serem incorporados numa história nacional, a tarefa parece simplesmente gigantesca.” (Heinz, 2009: 11)

O contexto social a muitos anos busca renovações diárias, os campos políticos e historiográficos bebem da fonte que renova seus fatos diariamente. Por muitos anos a história carregou inúmeras possibilidades com aglomerações de lacunas em seus caminhos e esse trabalho procura ocupar boa parte dessas lacunas se utilizando de uma nova história da Guerra. Unida a esse processo de criação para uma nova história, caminha uma nova política. É necessário apontar o fato de que a história aqui exposta é totalmente política e não fala só sobre acontecimentos belicosos.

A nova história da Guerra do Paraguai aqui exposta, é acompanhada por uma exposição de uma história política de época e tem grande importância por participar como protagonista de uma base política atual que necessita de reformulação historiográfica. Por muito anos a historiografia apresentou heróis e vilões em diversos contextos, essa prática de definir o vencedor através do discurso silenciador em cima do vencido é antiga e cruel. Não é certo ignorar a história já existente, definir uma verdade absoluta é inibir o poder que a história e o tempo têm sobre os acontecimentos. Fontes aparecem diariamente, toda informação tem poder de

modificar intensamente um ambiente antes considerado explorado por inteiro e silenciar essa prática é abdicar do exercício de historiador.

A história da Guerra do Paraguai tem foco nesse texto e é um exemplo incrível dentro da história comparada. Por anos a história do conflito foi unilateral, acreditava-se que todo o conflito estava em costas paraguaias e que as atitudes de Solano López eram desmedidas. Entretanto, na antiga história não se consideravam as ações brasileiras na Guerra Civil do Uruguai como dito por Ricardo Salles (1990) e o lado vencedor tinha prioridade na historiografia. Outro exemplo é a história política brasileira que é regada por golpes e reviravoltas. As diversas versões da história política apresentam a necessidade de um revisionismo constante, gerando assim uma prioridade para a realização de uma busca constante pelo relato mais próximo a verdade.

Metodologia

A pesquisa aqui apresentada é localizada na História Comparada, é natural que a análise solicite minimamente algum tipo de comparação e tal forma de lidar com a fonte enriquece o trabalho. Não se pode nesse tipo de objeto se ausentar da História Comparada, a busca incessante por veracidade é natural dentro de uma pesquisa, mesmo sabendo que a história não é adepta de verdades absolutas.

Buscar o maior teor de verdade dentro de uma pesquisa é necessário, não podemos nos propor a desvendar uma verdade desconhecida e nunca antes contada. O trabalho que a História Comparada exerce desde o primórdio de sua existência com Voltaire, Montesquieu e Marc Bloch é um trabalho de extrema ousadia. Jogar inúmeras fontes ao debate gera uma guerra entre elas, o pesquisador que abraça esse tipo de história está fadado a apresentar resultados das comparações e muitas vezes gera instabilidade dentro de alguma das fontes.

A instabilidade dita é natural, ao apresentar alegações e estudar fontes o que se aproxima da verdade surge. Nem sempre a comparação é amigável para o comparado, entretanto a atitude de tomar tal história como metodologia enobrece a pesquisa com algo que podemos chamar de o mais próximo de fatos verdadeiros. A busca desse trabalho através da história comparada é peculiar, busca não somente a verdade dos acontecimentos belicosos, mas também a dita verdade em cada página e charge dos periódicos selecionados.

“A História Comparada é uma modalidade historiográfica fortemente marcada pela complexidade. Referindo-se simultaneamente a um ‘modo específico de observar a história’ e à escolha de um ‘campo de observação’ de determinado tipo – na verdade um “duplo campo de observação”, ou mesmo um “múltiplo campo de observação” – situa-se entre aqueles campos históricos que são definidos por uma “abordagem” específica (por um modo próprio de fazer a história, de observar os fatos ou de analisar as fontes) . Resumida em duas indagações que a tornam possível, a História Comparada pergunta simultaneamente, no momento mesmo em que o historiador está prestes a iniciar sua pesquisa: “o que observar?” e “como observar?”. E dá respostas efetivamente originais a estas duas indagações.” (Barros, 2007: 2)

1. A Guerra do Paraguai

A Guerra do Paraguai foi o evento mais sanguinolento da América do Sul, dentro desse embate quatro nações estiveram no centro dos holofotes. Dentre essas nações temos o Paraguai como foco central e inimigo de todos, o Império brasileiro que entra como o defensor da honra nacional e carrasco das atitudes desmedidas de Solano Lopez, a Argentina dividida entre Buenos Aires e as demais províncias, e por fim o Uruguai que é o cenário perfeito para explodir o início dos conflitos.

Este acontecimento dito como “Maldita Guerra” por Francisco Doratiotto é repleto de reviravoltas. O Brasil que era aliado e defensor da independência paraguaia, se une a seu rival histórico, os argentinos e aos antigos malfeitores de seus cidadãos, os uruguaios. De certa forma, nesse momento, essa afirmação fica minimamente abstrata, entretanto as reviravoltas levam essas nações a uma união contra o Paraguai de Solano. No fim das contas o Paraguai sai como o perdedor absoluto dos embates, o Brasil como vencedor desonrado, vencedor que massacrou seu adversário e praticou um genocídio desnecessário. Por outro lado, temos os argentinos que são os únicos a saírem verdadeiramente bem do conflito, se algum lado se beneficiou com esse conflito foi o dos argentinos. Por fim temos o Uruguai que entrou na guerra muito mais como um apoio moral do que verdadeiramente efetivo. Entretanto para se entender esse contexto precisamos voltar um pouco.

Antes de abordar o conflito em geral, devemos voltar algumas décadas para entender como funcionou o ambiente sul-americano até o estopim da guerra. A primeira metade do século XIX teve como principal acontecimento a separação do Vice-Reinado do Rio da Prata, separação essa que gerou cinco nações independentes, sendo elas: Chile, Províncias Unidas do Prata (junção de territórios conhecidos hoje como Argentina, tendo como capital Buenos Aires), Uruguai, Paraguai e Bolívia. Mais pela frente vamos entender como essa separação agita esse ambiente.

“O imediato pós-independência foi época de incertezas sobre o futuro, especialmente no que se refere à sobrevivência dos países de menor porte, cobiçados pelas antigas sedes de vice-reinado. O antigo vice-reinado do rio da Prata dividiu-se em cinco nações independentes: Chile, Províncias Unidas do Prata, Uruguai, Paraguai e Bolívia. Mesmo no interior das novas nações persistia, contudo, o conflito entre separatistas e unionistas.” (IZECKSOHN, 2009: 388)

A citação acima já apresenta um início de explicação sobre o decorrer dessa separação, foram muitos os problemas gerados por separatistas e unionistas como diz Vitor Izecksohn em seu texto "*A Guerra do Paraguai*". A separação é vista de uma forma por cada nação, a mais problemática é a visão das Províncias Unidas do Prata, chefiadas pelos burgueses buenaienses que buscavam reunir novamente as províncias do vice-reinado, tal almejo causa um certo alarde, principalmente paraguaios que declararam independência em 1811 e tiveram a ratificação dois anos depois. Os buenaienses perdiam muito com a liderança de José Gaspar Rodríguez de Francia, no Paraguai, muito por suas investidas contra a independência dos guaranis. Francia acaba criando boas relações com o Império brasileiro, que foi o primeiro a reconhecer a independência do Paraguai, tal reconhecimento fortalece as relações deles e cria um ar de desentendimento entre as Províncias e os então amigos, Brasil e Paraguai.

Tal amizade não conseguiu ser conservada por longo período, o Brasil de Dom Pedro I se apresenta como um dos únicos a ter comércio com o então fechado Paraguai. Junto ao Brasil só algumas províncias mantinham comércio com os guaranis, províncias que defendiam o separatismo a Buenos Aires, sendo as principais, Corrientes e Entre-Rios. Os paraguaios tinham a grande parte do comércio de tabaco e erva-mate, disso vinha a base de sustentação econômica, entretanto, em 1830, Buenos Aires era comandada por Juan Manuel de Rosas. Essa figura tem muita importância para o seguimento das relações do rio da Prata, Rosas tenta uma ofensiva contra os guaranis, buscando um retorno do Paraguai para o vice-reinado. Essa atitude faz com que Francia feche totalmente as portas de sua nação, uma forma de defesa é ativada pelos paraguaios e sua nação se fecha em uma economia nacional sem muitos aliados.

O governo de Rosas foi responsável por um bloqueio comercial contra os paraguaios, tentando afunilar Francia para ceder a suas vontades. Tal atitude só faz que as portas paraguaias fechem mais e diminuam as relações externas do país. A independência paraguaia mesmo que já anunciada e resguardada pelo governo guarani, só tem um ar formal em 1842. Rosas dificultou o máximo que conseguiu a independência paraguaia. O líder guarani começa a dificultar em geral o comércio por sua região, fortalecendo assim o monopólio interno. Como dito antes, os grandes

produtores paraguaios eram do tabaco e da erva-mate, com o regime vitalício de Francia os bens de seus opositores são confiscados e os antigos donos presos.

O ano de 1840 tem grande importância para os brasileiros e paraguaios, a morte do ditador Francia e o golpe da maioria em favor de Dom Pedro II dão novos ares ao rio da Prata. No Brasil o segundo Imperador toma o poder, por outro lado no Paraguai o Congresso elege Carlos Antônio Lopez em 1844. O meio tempo entre a morte de Francia e a eleição de Lopez é marcado por uma liderança de duas juntas militares, de um lado Mariano Roque Alonso e do outro Lopez eleito em seguida, “No plano interno, o novo chefe de Estado deu continuidade ao autoritarismo franquista, e, no país, persistiu a inexistência do Poder Legislativo e da Constituição – a qual só viria a ter em 1870” (DORATIOTTO, 2002: 26).

No ar pairava uma situação desconfortável entre Rosas e o Império, os conservadores temiam os avanços dos buenaienses, logo procuraram ter um bom diálogo com o novo líder paraguaio, fortalecendo suas fronteiras e evitando possíveis avanços de Rosas. O Império buscava uma facilidade maior de comércio dentro do Prata, essa busca foi facilitada pelos conflitos internos dos uruguaios e argentinos. Dentre esses conflitos internos se deu a aliança entre os brasileiros e a facção colorada uruguia. Os colorados mantinham uma disputa de poder contra os blancos conservadores, apoiados por Rosas. A aliança do Império com os colorados é seguida de uma união com José de Urquiza, esse grupamento é favorável para a queda de Rosas em 1852.

“Nessas lutas o governo imperial apoiava a facção liberal, aberta ao comércio exterior e, portanto, à liberdade de navegação dos rios. E foi assim que se deu a aliança entre o Império do Brasil, a facção política dos colorados no Uruguai – que travavam uma guerra civil contra os blancos apoiados por Rosas -, e o governador da província de Entre Ríos, Justo José de Urquiza, aliança que viabilizou a queda do ditador da Confederação em 1852.” (DORATIOTTO, 2002: 28)

Urquiza assume a liderança na Argentina e a partir desse ponto começamos a entender o comentário antes citado. A Argentina foi quem melhor se saiu nesse conflito, López defendia os blancos no Uruguai e a situação de diálogo com Dom Pedro II começa a ficar turva. Solano começava a dificultar o comércio dos brasileiros, taxas começavam a surgir e impedir navegações brasileiras de transitar livremente pelo rio do prata. A busca de Dom Pedro II e dos conservadores pela liberdade de comércio nessa área existia a tempos. O diálogo começa pacífico, entretanto, a

pressão não funciona tão bem, os brasileiros se unem aos argentinos e uma aliança começa contra os paraguaios de López.

O confronto eminente faz López acabar cedendo de início, no fim das contas o que evita o combate não é López ceder, Dom Pedro II e os argentinos não chegam em um acordo sobre a partilha do Paraguai e então a aliança nem chega a ser formalizada. A partir de 1856, tudo começa a realmente piorar entre Brasil e Paraguai, um tratado de amizade e livre comércio é assinado, entretanto López continua a dificultar o comércio brasileiro e a situação fica em pé de guerra.

O clima esquenta no Prata, entretanto nenhum conflito externo tem início, por um lado, os brasileiros vivem disputas internas de poder entre liberais e conservadores, porém nada que gere combate. Por outro lado, o Uruguai tem no poder o blanco Bernardo Berro e a guerra civil borbulha, blancos e colorados lutariam pelo poder até o fim. Por último, na Argentina teríamos embates entre Urquiza e um novo nome, Bartolomé Mitre. As coisas pegam fogo quando Mitre lidera um levante contra o poder de Urquiza. Batalha de Pavón foi o acontecimento de desfecho da situação, Mitre consegue obrigar seu adversário a abdicar e voltar a sua província natal de Entre-Ríos, dando assim o poder ao inteligente e manipulador Bartolomé Mitre em 1862. Entre eles existiram interinos, mas nada que tivesse grande importância.

Como dito antes, Mitre se mostra inteligente e manipulador. Por um lado, prestava apoio quase que secreto ao Império, não pegando em armas e nem dando a cara a tapa. Mitre, apoiando os paraguaios ou brasileiros no cenário do Prata visava realmente o lucro argentino, então continuava a comercializar e ter diálogos com os dois lados. No momento em que Mitre assume as coisas começam a ficar mais interessantes, o clima entre Brasil e Paraguai fica próximo a um acontecimento belicoso e Mitre nega assumir qualquer lado previamente. A mente do líder argentino tinha a preocupação com Entre-Ríos e Corrientes, que eram duas províncias bem separatistas, logo evitar conflito externo era evitar conflito interno. Essa prevenção de Mitre também é pautada na aliança que existia nas entrelinhas, López tentava remediar os conflitos entre a Confederação e Buenos Aires.

“A derrota das tropas da Confederação, comandadas por Urquiza, para as forças de Buenos Aires, chefiadas por Bartolomé Mitre, na batalha de Pavón(17 set.1861), causou forte impacto no governo paraguaio, Carlos López e Francisco Solano López ficaram alarmados com o desenrolar dos acontecimentos, pois “muito temem o general Mitre”. Esse sentimento de insegurança contribuiu para Solano López acreditar no boato, vindo de Buenos Aires, sobre intenções hostis do Império em relação ao Paraguai. Ele

se mostrou “assustado” com esse rumor e, por esse motivo, segundo declarou ao representante brasileiro em Assunção, o governo paraguaio aumentou suas forças nas regiões próximas do Brasil.” (DORATIOTTO, 2002: 37)

Entretanto, a atitude citada anteriormente é bem vista por Urquiza e uma amizade não oficializada acontece. Essa aliança nas entrelinhas favorece os paraguaios num atraso de um possível conflito, já que Mitre tentava preservar a paz. O sucessor de Francia, Carlos López falece e gera uma turbulência no Paraguai. A primeira opção de sucessão era seu filho Angel Benigno López, entretanto, Francisco Solano López, também filho e líder do exército o convencem do contrário. O último desejo de Carlos foi um pedido a Solano, o pai pede que o filho não termine o diálogo com os brasileiros em um conflito belicoso. O futuro apresenta a decisão errônea de Solano, além de optar por um confronto a ruína chega para os paraguaios junto a quebra do pedido de seu antigo líder.

Tudo é decidido com as divergências entre Bernardo Berro e Dom Pedro II. O Brasil cobrava um tratamento decente e o fim das taxas cobradas aos brasileiros por serem estrangeiros, comerciarem e residirem em terras uruguaias. No meio da guerra civil boatos chegavam ao Brasil, os brasileiros ali residentes sofriam com investidas violentas e com falta de respeito. O Imperador brasileiro dá um ultimato aos uruguaios, se não respeitassem os brasileiros, sofreriam com investida do exército brasileiro. Berro justifica as agressões pela guerra civil, entretanto o Imperador que já era favorável aos colorados de Venancio entra no território de Berro e dar um direcionamento para o confronto civil. Berro é substituído por Aguirre que antes da entrada imperial cria um acordo com os colorados. As solicitações de Flores são simples, seus militares deveriam ser efetivados e o poder deveria ser equilibrado, entretanto nas vésperas da aliança Aguirre recua e exige a retirada das tropas coloradas. O acordo morre antes mesmo de começar, Aguirre é derrubado do poder e os colorados assumem o Uruguai com Flores.

A partir desse momento o Paraguai de Solano já estava desgostoso do Império, os blancos eram aliados da família López e a investida brasileira é considerada um desrespeito. Os López em algumas ocasiões tentavam remediar os conflitos do Prata, entretanto essa tentativa foi ignorada pelo Império. Solano considera tal atitude uma afronta e entende que o próximo passo dos brasileiros é a invasão do território guarani.

O ditador paraguaio começa a hostilizar os diplomatas brasileiros em seu território, em 11 de novembro de 1864, López manda apreender o barco a vapor

brasileiro, o vapor Marquês de Olinda. Em sua tripulação continha o recém-eleito presidente da província mato-grossense. A atitude de López decreta o início da guerra que duraria cerca de 5 longos anos. Existem inúmeras versões do motivo e dos culpados pela guerra, o meio termo deixa claro que as atitudes pelo livre comércio brasileiro e a ganância por influência dos López iniciaram o conflito.

“A versão tradicional enfatiza o ataque paraguaio ao Brasil e dá pouca importância ou cobertura à intervenção militar brasileira no Uruguai. Quando não apresentada como uma questão independente, está é mostrada como um último recurso do governo imperial ao não ter atendidos seus pedidos de reparação às agressões sofridas por brasileiros no Uruguai.” (SALLES, 1990: 10)

A sequência não é distante, após algumas semanas López ordena uma invasão ao Mato Grosso e a partir desse momento o conflito era inevitável. Uma parte das forças brasileiras ainda se encontrava em território uruguaio, o alarde foi instantâneo. Até ter o real início, a guerra era vista como piada, a possibilidade de Solano atacar o Brasil era tida como um absurdo. Seus exércitos não pareciam fortes, sua magnitude como nação era pequena e só um ato de loucura levaria López a invadir o Império brasileiro. As ameaças tão ignoradas por Dom Pedro II foram concretizadas, a interferência brasileira no Uruguai ocasiona o estopim final, uma bola de neve a muito tempo criada acaba como o maior massacre da América do Sul.

Os momentos inesperados que acabara de acontecer apresenta algumas dificuldades enormes para o Imperador. O exército brasileiro era quase inexistente, absurdamente inexpressível, despreparado e definitivamente não tinha uma boa qualidade de armamento. Em janeiro de 1865, os grupamentos de voluntariado para os combates são criados, Dom Pedro II é simbolicamente apresentado como o primeiro voluntário para a guerra e a campanha pela honra da pátria começa. Uma parte da imprensa, solicitada ou não, inicialmente se apresenta como voluntária para a defesa de sua nação, a todo vapor alguns periódicos convocam os brasileiros para o serviço voluntário. Como o periódico principal desta pesquisa, a revista *Semana Ilustrada* tomou como objetivo principal denunciar ações de se carrasco Solano López e satirizava constantemente os inimigos com textos e charges.

Desde o princípio das ações paraguaias pré-guerra, o Brasil tentava alianças com os argentinos de Mitre, com o início dos ataques a solicitação é novamente enviada. A entrada na guerra para os argentinos era sinônimo de prejuízo, suas vendas de armamentos e suprimentos eram passadas para os dois lados, Mitre

precisava se manter neutro para continuar a lucrar com o fervor da guerra. Os López enquanto obtinham o poder mantinham boas relações com Corrientes e Entre-Ríos, tal relação da continuidade ao combate, López entendia que a proximidade com os separatistas ajudaria em uma excursão por território argentino.

Após invadir a província mato-grossense, Solano busca dialogo com Mitre para usar o território argentino, tal excursão sobre terras de Misiones era procurando chegar no Uruguai e tentar evitar a vitória colorada. Como dito antes, Mitre tentava manter a imparcialidade no combate e sua resposta para o ditador paraguaio foi obviamente negar a excursão e evitar tomar partido nos conflitos. A atitude tomada por López foi a sentença final, mesmo tendo seu pedido negado os paraguaios: invadir o território argentino em direção ao Rio Grande do Sul, tendo em vista que não foram rápidos o suficiente para chegar no Uruguai. Mitre instantaneamente declara guerra aos paraguaios se juntando ao Império brasileiro, essa união seguida das derrotas blancas e controle dos separatistas argentinos é o fim dos planos futuros de López.

“Em abril de 1865, quatro meses após o início das hostilidades, o governo paraguaio solicitou autorização ao governo argentino para cruzar a província de Misiones na tentativa de alcançar o Uruguai a tempo de mudar o destino da guerra civil daquele país. O presidente argentino, Bartolomeu Mitre, recusou essa permissão. Os unitários argentinos apoiavam os colorados e pretendiam manter a neutralidade no conflito entre o Brasil e o Paraguai. Após a recusa argentina, os paraguaios invadiram as províncias de Corrientes e Misiones, alcançando o Rio Grande do Sul por volta de junho. A invasão custou caro aos paraguaios que, rompendo com os argentinos, perderam fonte de suprimentos, especialmente armas.” (IZECKSOHN, 2009: 395-396)

Nesse momento é importante entender a formação do exército, o Império nunca teve o exército como uma instituição fortalecida e bem cuidada. Solano tinha bons motivos para não ter medo do exército brasileiro, tendo em vista que ainda contava teoricamente com o apoio dos separatistas argentinos liderados por Urquiza e os blancos no Uruguai. A vitória dos colorados junto ao Império em território uruguaio desestabiliza o conflito, a subida de Venancio Flores ao poder estabelece de vez a tríplice aliança. Agora o Paraguai de López não estava mais em vantagem, o Brasil com o apoio duplo tem tempo para organizar seu exército precário e em junho de 1865, a batalha naval do Riachuelo acontece. A primeira derrota dos paraguaios vem pelo mar, as forças aliadas conseguem uma vitória expressiva e tomam conta de boa parte da bacia platina.

O Paraguai começou muito bem os confrontos, as invasões foram bem-sucedidas e o descaso do Império com suas províncias facilitaria tudo. O Brasil estava preocupado com a vitória colorada no Uruguai e após esse acontecido tudo começa a se desenhar para os aliados na guerra. O maior problema que a aliança sofreu foi com a fortaleza de Humaitá mesmo cercada pelas forças dos aliados, a fortaleza era muito bem planejada e era o coração da defesa paraguaia. Pelo controle dela aconteceu a batalha do Tuiuti, provavelmente a batalha mais importante da guerra. “Quando a guerra chegou a um impasse diante da fortaleza de Humaitá, o exército aliado permaneceu acampado em Tuiuti por mais de dois anos” (SALLES,1990: 73). Vista como a batalha mais sangrenta do continente Sul-Americano, a batalha do Tuiuti é um dos pontos derradeiros para a vitória dos aliados. O número de baixas fora absurdamente grande, os aliados saíram vencedores mesmo fragilizados pelo excesso de mortes.

O exército brasileiro já era absurdamente fragilizado, as campanhas de voluntariado serviram bem inicialmente, o fervor de patriotismo foi melhor do que o esperado para um Império que não se importava muito com isso. A sequência de batalhas apresenta para o Brasil um problema constante, a reposição de tropas era complicada, o voluntariado foi inicialmente bom, porém longe do suficiente. Em setembro de 1866 a aliança vê uma de suas derrotas acontecerem, e a batalha do Curupaiti foi provavelmente a derrota mais expressiva da aliança. Esse tipo de derrota começa a balançar a moral do exército. Esperando combates fáceis e rápidos, os aliados se desgastam bem mais do que o imaginado e isso gera instabilidade na moral de Dom Pedro II principalmente.

De fato, é bem notável o bom aproveitamento de batalhas dos aliados, entretanto a reposição de tropas ainda é um desafio, vencendo ou perdendo acontecem mortes para ambos e o voluntariado começa a não ser suficiente. É de conhecimento geral o uso de escravos na Guerra do Paraguai. A guerra era temida por todos, muitos senhores enviavam seus escravos para evitar servir em combate, tal prática se torna constante e um problema é criado no imaginário do exército. A entrada de homens não livres no exército era uma decisão complicada, a moral dos homens diminuiria e a retaliação provinda da imprensa paraguaia era cruel, a comparação do exército brasileiro com macacos era constante. Duque de Caxias tem conversas com o Império que definiriam muito do futuro no Brasil, ele mostrava preocupação quanto a entrada

de escravos no exército, homens que não eram de confiança e não tinham nada a perder.

Dar armas na mão de escravos era algo que preocupava Caxias, entretanto, em novembro do mesmo ano os escravos foram liberados para servirem ao exército, obviamente com a permissão de seus donos. Novamente Dom Pedro II dava o primeiro exemplo para incentivar os brasileiros a doarem para a guerra. Enviou os escravos de propriedade do império e começou a recomendar a liberação dos escravos de instituições ligadas ao império, como a igreja. Os escravos também eram comprados pelo Império ou cedidos com promessas de recompensa, tanto para o proprietário como para o escravo. As recompensas financeiras eram bem-vindas, afinal, os senhores mandavam seus escravos com histórico de comportamento ruim e indisciplinados. Já os escravos iam com promessa de alforria, ser um homem livre era um sonho distante para qualquer um deles.

“A preocupação de Caxias era evitar uma situação em que a ordem social escravista se desfizesse no interior do exército. Chamava a atenção para a necessidade de restaurar o princípio hierárquico básico dessa ordem e seu pressuposto de que a grande massa era incapaz de conviver e vivenciar os valores do topo da hierarquia social; quando praticavam atos de bravura, o faziam porque, muitas vezes, estavam bêbados e não pela adesão aos valores mais altos de amor à Pátria, dedicação ao imperador, etc.” (SALLES, 1990: 86)

Após a vitória em Tuiuti as coisas ficam mais simples, Mitre entendia que a guerra já tinha acabado e parecia obvio terminar os conflitos forçando o Paraguai a se render. Entretanto os interesses de Dom Pedro II eram de ir até o fim, a prisão de López era necessária para evitar uma reorganização posterior e o estopim de uma nova guerra. Os argentinos novamente sofrem com problemas internos sobre sua união, Mitre sai da guerra para controlar os conflitos internos e então o herói de guerra brasileiro Duque de Caxias assume o comando. A ida de Caxias para o comando do exército dos aliados dá um ar novo, o voluntariado ganha um gás novamente, nada muito grande, porém Caxias tenta reorganizar o exército e o deixar melhor preparado.

Ainda teríamos episódios de derrota com a Retirada da Laguna, entretanto o passar da guerra é só um respiro final para López. Em março de 1868 o exército brasileiro força a saída do ditador paraguaio da fortaleza de Humaitá e tomam controle dela. Desse momento em diante a guerra começa a ser uma caça a Solano, a vitória aliada já estava garantida visivelmente. Em sequência aconteceriam as batalhas que

em conjunto são chamadas de “dezembrada”, um compilado de massacres aos paraguaios.

No primeiro dia do ano de 1869, os brasileiros conseguiram invadir Assunção. Caxias já entendia que a vitória era real e pede a retirada das tropas, entretanto, Dom Pedro II nega a volta e ordena a busca ao ditador paraguaio. Caxias se irrita com a atitude do Imperador e pede baixa da guerra. A atitude do então líder do exército desmotiva as tropas e os soldados que também já não concordavam com a permanência na guerra a um tempo perdem as esperanças. Conde d’Eu, genro do Imperador assume o posto de líder e a caça continua. Após algumas tentativas de diálogo com os fornecedores alimentícios e de armamentos, Lessica e Lanus, d’Eu faz com que o fornecimento seja cortado, sua busca por redução dos custos de fornecimento só desestabiliza mais o exército. Essa atitude causa uma vergonha imensa ao membro da família real e sua moral despenca.

Uma sequência de pedidos de d’Eu são feitos, ele solicitava a retirada do comando das tropas e de seu comando no exército, porém todas são negadas pelo Imperador. Em 1 de março de 1870, Solano López é morto com um tiro de Chico Diabo. Após muito fugir e colocar até crianças e idosos para lutar, López é morto e isso é péssimo para o Império. A busca por Solano necessitava do paraguaio em vida, a morte do ditador fornece a ele o título de mártir. Ter López em mãos também ia ser bom para a moral do exército, entretanto a guerra acaba com uma péssima imagem para o Império brasileiro.

O Brasil sai enfraquecido da guerra e com uma instituição absurdamente forte, o exército. A chama abolicionista vira um incêndio descontrolado após a volta dos escravos, agora o Brasil tinha negros heróis de guerra e dívidas imensas para os cofres. O Império acaba como assassino desmedido e a fúria de Dom Pedro II acaba por ceifar a vida de boa parte da população paraguaia. Os argentinos saem com um problema interno, sem glórias absurdas, porém com ganhos financeiros graças aos abastecimentos. O Uruguai que só esteve na guerra como apoio moral sai com a liderança colorada de Venancio Flores e pequenos grupos de soldados.

“No final do século XIX, o Paraguai era um país paupérrimo do ponto de vista econômico, praticamente sem auto-estima do passado e carente de heróis paradigmáticos. O Paraguai era apresentado como país de déspotas e derrotado em uma guerra da qual fora o agressor.” (DORATIOTTO, 2002: 80)

2. Uma breve história da imprensa no Brasil e periódicos

A existência da imprensa no Brasil foi conturbada desde seu início, do momento em que a Família Real chega e se cria a Imprensa Régia, até os dias atuais. É necessário analisar alguns momentos da imprensa brasileira, sua criação, as idas e vindas da censura e a ideia de liberdade e independência muito falada por Nelson Werneck Sodré. Dentre esses tópicos a serem abordados, vamos começar pela criação da imprensa.

Um mau napoleônico assolou as terras portuguesas, o príncipe regente Dom João VI nega as ordens do líder francês de quebrar comércio com os ingleses. Tal atitude é seguida de uma permissão espanhola para uma passagem das tropas francesas por seus territórios, ganhando em troca uma parte do território luso. A junção francesa com os espanhóis é contraposta por uma união portuguesa e inglesa, a atitude do monarca português de se negar a interromper o comércio com os ingleses causa uma mobilização imediata da família real. Tal disputa comercial impulsiona a criação de uma imprensa verdadeiramente ativa.

“Os jornais só ganharam impulso com a invasão francesa, em 1808. Só em 1809 foram criadas 22 publicações em Portugal. O processo foi semelhante ao ocorrido durante a dominação espanhola, em que as relações foram utilizadas na luta emancipatória.” (MENDES & RABELO, 2011: 4)

O líder português muda a sede do poder português para as terras brasileiras, evitando assim a hostilidade napoleônica. Com a chegada da coroa no Brasil, alguns avanços são agilizados, um dos primeiros é a criação de uma imprensa. O ideal de imprensa é empolgante, ter um meio de comunicação geral é um avanço considerável. Entretanto, tal avanço não contava com a repressão da Coroa e dos conservadores monarquistas.

“A vinda da Família Real para o Brasil, em 1808, agitou a sociedade e dentre as várias modificações ocorridas nessa época, apontamos a criação da Imprensa Régia, fato que favoreceu o surgimento de inúmeros jornais na Capital do Reino e também nas províncias: Bahia, Pernambuco, Maranhão, São Paulo.” (CAPELATO, 1988: 38)

A imprensa chega como um avanço, mas se torna basicamente uma marionete de D. João VI. Os periódicos criados de início em sua maioria são áulicos, periódicos que só produzem conteúdo que favoreça a imagem e as atitudes do monarca. A

censura é mantida a ferro e fogo, o monarca combate as ideias contrárias de várias formas, da proibição dos periódicos até a violência. Vamos ter alguns exemplos de periódicos que são contra a Coroa, por exemplo o *Correio Brasiliense*, um dos primeiros periódicos a gerar alarde em D. João VI.

“A imprensa de oposição política ganhou destaque nas lutas pela independência. As críticas à Coroa desencadeavam a censura e está chegava a impedir a circulação de jornais. O *Correio Brasiliense* tornou-se famoso não só pelas críticas ao governo, mas principalmente porque foi publicado em Londres devido ao seu impedimento no Brasil.” (CAPELATO, 1988: 38)

Dando um parâmetro geral sobre os motivos da criação de nossa Imprensa Régia, podemos passar para o funcionamento dessa imprensa. Como já dito, a imprensa surge como mão direta da monarquia, a censura rapidamente é instalada e a proximidade da igreja com a monarquia regente facilita o silenciamento da imprensa. A primeira regra citada no texto de Sodré é clara, todo periódico deveria arcar com o que imprimia, tendo a liberdade condicionada ao respeito das instituições regentes, a igreja e, principalmente, a moral e os bons costumes.

Muitos foram contrários a essas regras, entretanto a liberdade era o foco principal dessa imprensa não áulica. Os periódicos que iam contra os ideais eram ceifados, sendo produzidos no Brasil eram proibidos de serem confeccionados, se produzidos fora como o *Correio Brasiliense* eram proibidos de passar na alfândega. Em geral o silenciamento dessas imprensas contrárias ao monarca era muito forte, não bastava apenas um silenciamento interno, por vezes, a imprensa áulica foi produzida fora do Brasil. Hipólito da Costa, criador do *Correio Brasiliense* sofreu na pele a censura, os ataques da imprensa áulica eram constantes.

“Como cresceu com as tentativas de reduzir o próprio Hipólito ao silêncio, por intervenção do governo inglês, por expulsão da Inglaterra ou por processo. Foi preciso empregar um antídoto semelhante ao veneno: fundação de periódico em Londres, destinado a neutralizar o *Correio Brasiliense*.” (WERNECK, 1966: 31)

Entre idas e voltas da censura uma mensagem foi passada, uma onda dita liberal surge no Brasil e em geral na imprensa. Tal onda buscava o fim da colônia, buscava a independência. Os problemas em Portugal pela ausência de Dom João VI são motivo suficiente para o acontecimento da independência, o monarca deixa o Brasil em 1821 e a situação fica desagradável. A pressão pela independência era intensa e

em 7 de setembro de 1822 ela é declarada formalmente. Ainda era só o começo de um processo lento, entretanto, a partir do famoso grito da independência, Dom Pedro I assume o poder do Brasil, agora independente.

Junto ao poder repentino de Pedro I, o primeiro Imperador brasileiro, vem a necessidade de uma constituinte. O poder deixava de ser absoluto e agora não era mais português na teoria. A constituinte serviria para moldar o poder e não deixar mais uma administração absolutista, isso facilitaria também a liberdade de imprensa e modificaria coisas como o voto. Entretanto, em novembro de 1823, Dom Pedro I aplica um golpe, o Imperador demite seus ministros, tendo o apoio dos conservadores e militares, desligando assim a Assembleia Constituinte e reativando a censura na imprensa.

Desse momento para frente muitos periódicos que são contra o absolutismo da monarquia portuguesa aparecem, a independência foi conquistada, entretanto a liberdade continuava morta. A perseguição dentro da imprensa não-áulica é grande, o golpe aplicado pelo Imperador não foi perdoado nos periódicos que iam contra os conservadores e o próprio monarca. Um desses periódicos foi *A Malagueta*, publicando suas edições como *Malagueta Extraordinária*. O periódico era dirigido por Luís Augusto May, um crítico assíduo dos conservadores e do golpe aplicado pelo Imperador. May foi vítima de uma emboscada, um atentado que quase ceifou sua vida e gerou um clima político rodeado por um ar tenso.

Os atentados foram constantes contra os periódicos que iam em contrapé a imprensa áulica, seus líderes perdem suas vidas, são presos ou expulsos do Brasil. Essa sequência de acontecidos mostra a falta de liberdade, mesmo tendo a independência em ação. Dentre essas perseguições surgem periódicos como o de Cipriano José Barata de Almeida. Esses periódicos são voltados a revolta contra o monarca e uma inclinação a uma república. As atitudes de Dom Pedro I são bem firmes e a censura continua interrompendo a existência desses periódicos em seu poder “Suas inclinações eram pela República: fundou o primeiro jornal republicano que circulou no Brasil”, (WERNECK, 1966: 67)

“Barata, pioneiro da imprensa libertária no Brasil, tem sido omitido, diminuído e no mínimo ridicularizado pela historiografia oficial brasileira: é uma de suas maiores vítimas. Sua influência foi extensa e profunda: outras Sentinelas apareceram, imitando a sua.” (WERNECK, 1966: 67, 68)

Após muitos problemas com a censura, o Brasil viveu em 1827 um alavanco para a imprensa, a continuidade da luta de pessoas como Barata facilita esse futuro. A pressão sobre o Imperador era grande e a onda liberal força aberturas na censura. Os problemas envolvidos dentro de Portugal dificultam ainda mais a vida do Imperador, a morte de seu pai Dom João VI força posicionamentos do líder brasileiro. A princípio D. Pedro I coloca sua filha no poder de Portugal, entretanto seu irmão e os opositores cobram a lei. A sua filha Maria da Glória só tinha 7 anos de idade, não poderia exercer o cargo sem tutela e com toda essa bagunça a imprensa consegue ganhar forças.

“O ano de 1827 não fica assinalado apenas pela fundação dos cursos jurídicos, realmente em funcionamento no ano seguinte, mas também pelo impulso que a imprensa recebeu, e que derivou de condições políticas novas, que o desenvolvimento histórico colocava. A imprensa começava a alastrar-se pelas províncias.” (WERNECK, 1966: 104)

Com o passar do tempo as coisas pioram em Portugal. Um casamento é proposto entre a filha de 7 anos de D. Pedro I e seu irmão Miguel, tal aliança é aceita e quebrada logo após, Miguel toma o poder e preocupa o Imperador brasileiro que teme perder o controle de Portugal. A ida do Imperador à Portugal gera uma instabilidade, ele acaba abdicando do poder brasileiro e Dom Pedro II, seu filho, assume o poder.

Uma real liderança de Dom Pedro II não era possível, o mais novo Imperador era menor de idade e a lei não permitia sua posse sem tutela. Começa então um período regencial, até que aconteceu o golpe da maioridade. Dentro desse cenário tudo o que mais ganha espaço é a imprensa, nesse ambiente é apresentada uma divisão tripla, os conservadores, a direita liberal e a dita liberal de esquerda por Werneck em seu texto. A continuação da imprensa é mais tranquila, a censura se torna menos imponente, os espaços de diálogo ganham maior liberdade e o desenvolvimento da imprensa é visível.

“Pouco a Pouco, no tempo, mas acentuadamente, quanto às posições, a imprensa definiria o quadro de agitações que culminaria em 1831. A partir de 1827, aprofundando-se ano a ano, os periódicos dividem-se quanto à orientação, refletindo a realidade. Como as forças políticas cindem-se, caracterizando as três componentes principais- direita conservadora, direita liberal e esquerda liberal – a imprensa acompanha a cisão.” (WERNECK, 1966: 110)

A imprensa pós golpe da maioridade recebe outras mudanças, a sequência conturbada de uma imprensa absolutamente política ganha um ar de tranquilidade. O

início dessa imprensa política é muito graças a falta de homem das letras, como dito por Sodré em “História da imprensa no Brasil”. Por muito tempo a imprensa era o lar da política e não das artes. Após uma intensa caça a imprensa crítica, surgiria um tempo mais brando, o governo de Dom Pedro II acalma os ânimos de perseguição. Entender esse período como mais brando não é retirar a censura dele, até mesmo nos romances e peças teatrais existia uma análise da censura. Entretanto, o bom trabalho da censura esfriando as revoltas políticas ocasiona em uma imprensa abastecida por homens das letras. A cara dos periódicos muda, a revolta liberal republicana é silenciada e trocada por novelas. Poesias e ilustrações também ganham espaço e os periódicos descansam em um período muito diferente do anterior regado por violência absoluta.

“Na fase anterior, de avanço liberal, de luta política, de doutrinação, da ânsia pelas mudanças, a proliferação de jornais e pasquins estendia-se às províncias mais distantes. A pregação chegara a extremos limites: o da República, por exemplo. Essa pregação foi esmorecendo, pouco a pouco, à medida que a repressão preparava o ambiente do domínio absoluto do latifúndio.” (WERNECK, 1966: 185)

Uma boa parte da imprensa, só volta a ter um viés mais político durante a Guerra Civil Uruguaia e a Guerra do Paraguai. Ainda existiam periódicos que se arriscavam a ter um conteúdo político, entretanto o conteúdo era brando e muitas vezes velado por ironias. Uma junção de patriotismo com rivalidades conservadoras e liberais tomam as páginas de alguns periódicos. Antes disso o trabalho de silenciar as revoltas jornalísticas é bastante eficiente. Mas, como dito antes, o trabalho de censura fica mais brando, porém não deixa de existir. Possivelmente essa censura mais branda só existe pela falta de revoltas políticas latentes e significativamente grandes. Com isso os periódicos abastecidos da arte crescem e ganham notoriedade, suas tiragens crescem consideravelmente e o comércio da imprensa é abastecido.

“Os homens de letras faziam imprensa e faziam teatro. Naquela, encontravam liberdade relativa para as suas criações literárias, não para os impulsos políticos; nesse, porém, nem tudo era favorável. Para qualquer peça a ser levada à cena, devia passar pela censura do Conservatório e receber o visto da polícia.” (WERNECK, 1966: 192)

O pipocar da imprensa no segundo reinado abre portas e periódicos com matrizes estrangeiras tem um espaço grande. Antes, tais espaços eram ocupados em grande maioria pela influência inglesa, no momento sequencial a independência

teríamos momentos diferentes. As aberturas de periódicos dirigidos por mulheres e uma grande influência francesa seriam exemplos da nova imprensa, como dito por Gladys Ribeiro, Monique Gonçalves e Tania Ferreira em “*O Oitocentos Entre Livros, Livrinhos, Impressos, Massivas e Bibliotecas*”. No mesmo texto, é citada a criação de muitas bibliotecas e essa disseminação do conteúdo literário e jornalístico.

A imprensa se mostra muito diversa, no passado foi braço da monarquia, no primeiro reinado controlada a ferro e fogo pela censura de Dom Pedro I, e posteriormente porta de abertura para artes gerais, como o teatro e novelas de jornal no governo de Dom Pedro II. É muito curioso analisar os periódicos de época e ver o espaço que eles abrem para a população, antes controlado por um viés ferrenho da política, o espaço não era tão grande. Com o passar dos anos os jornais foram abrindo espaço para anúncios e comunicados. Anúncios dos mais diversos possíveis, vendas de animais, ofertas de serviço, venda de escravos e até recompensas por captura de escravos fugidos.

Tal evolução é marcada por uma política velada dentro dos jornais e revistas, a mãe dessa nova forma de política são as charges. A inimizade política regional dá um ar de ironia para as charges e o momento de maior uso de tais charges políticas é na Guerra do Paraguai. Os inimigos brasileiros são vistos como piada e motivo de chacota nas páginas de periódicos como a *Semana Illustrada do Rio de Janeiro*. Charges que apresentam por exemplo sátiras a Urquiza, líder de Entre Ríos visto como um aliado dos blancos na guerra civil uruguaia. O Brasil estava dentro do conflito e em algumas edições da revista, Urquiza era visto como um inimigo covarde e que deveria ser derrotado pelo exército brasileiro.

Os momentos de maior fervor na imprensa são movidos pelo alarde político, as disputas pelo poder ou dentro de guerras geram ondas de revolta nos periódicos. Durante o governo de João VI a imprensa era contrária a seu governo e a sua censura constante, como a imprensa naquele momento ainda era nova, a criação de periódicos não foi tão volumosa. Entretanto, essa imprensa é muito sintomática, entra e cria alarde para o monarca. Durante o primeiro reinado, Dom Pedro I tem problemas com os periódicos liberais que clamavam a república. Figuras como Luís Augusto May, Cipriano José Barata de Almeida e outros já citados nesse texto criam alarde dentro de seus periódicos e sofrem perseguição política. Por fim, Dom Pedro II tem o apoio de boa parte da imprensa no início da Guerra do Paraguai e a campanha vitoriosa na

guerra civil uruguaia dá uma certa moral ao exército. As páginas dos periódicos em boa parte clamam o amor à pátria e apoiam o voluntariado no combate.

A sequência desse apoio é minimamente drástica, obviamente as páginas da imprensa se enchem de dúvidas e críticas a campanha brasileira. As batalhas perdidas, a demora para conseguir capturar Solano López, a volta de Caxias como o herói da guerra, a ida de escravos para o campo de batalha, as falhas de Conde d'Eu como líder substituto de Caixas e outros muitos acontecidos tomam parte das páginas da imprensa e das charges. A imprensa em pouco tempo causou muito alarde e deu voz a diversas camadas sociais, em geral a elite continuou seu domínio. Por outro lado, os periódicos femininos, o debate sobre os escravos, as revoltas liberais e afins foram uma parte da história dessa imprensa cheia de censuras e revoltas.

2.1 Uma introdução a revista *Semana Ilustrada*

A revista *Semana Ilustrada* foi criada em dezembro de 1860, a grande mente jornalística por trás desta revista tão importante é o alemão Henrique Fleiuss. O periódico era produzido e distribuído no Rio de Janeiro, tinha uma divisão simples, 8 páginas sendo elas 4 de textos e 4 de ilustrações. A revista durou 16 anos, até 1876, já seu idealizador faleceu em 1882. Dentro de seu periódico, Henrique teve participações de peso, nomes como Machado de Assis, Quintino Bocaiúva e Joaquim Nabuco estiveram presentes nas páginas dessa importante revista.

A ilustração chargista não teve pontapé inicial com a *Semana Ilustrada*, entretanto a revista foi o maior nome da ilustração na época. Fleiuss buscava uma qualidade europeia, entretanto a falta de mão de obra qualificada atrasou seus planos e em 1861 foi criado com sua participação o Instituto Artístico. Outro ponto importante a ser destacado é o lado conservador de Fleiuss, sua lealdade a Dom Pedro II era visível e tal lealdade também o concedeu certas liberdades para a produção da revista e de seus outros trabalhos.

“Foi para resolver esse problema que a firma Fleiuss, Irmão & Linde, fundadora do Instituto Artístico em abril de 1861 (a partir de 1863, graças ao título honorífico concedido por Dom Pedro II, denominado Imperial Instituto Artístico), especializado em tipografia, litografia, aquarela, pintura a óleo e fotografia, decidiu abrir uma escola de xilografia (gravura em madeira). O interesse básico de Fleiuss era a criação de uma equipe de especialistas em xilogravura, necessários para dar continuidade à qualidade gráfica da *Semana Ilustrada*. A escola fundada em 1863 (a primeira de gravura em

madeira no Brasil) tinha um currículo de três anos e logo nela se matricularam numerosos alunos, que no primeiro ano pagavam pequenas mensalidades, e a partir do segundo passavam a receber remuneração pelos trabalhos. Entre os xilogravadores que ali se formaram cita-se João Henriques de Lima Barreto, pai do grande romancista carioca Lima Barreto. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.” (Rio de Janeiro: Secretaria, 2007: 21, 22)

A *Semana Ilustrada* não foi a primeira a apresentar ilustrações, mas ainda assim foi inovadora. O sentido de inovação aqui é na qualidade, a constância do periódico apresentava uma qualidade crescente e em suas páginas foram vistas a criação de alguns personagens. Como dito por Nelson Werneck Sodré, Fleuss foi pioneiro com o uso das ilustrações nesse tipo de periódico, suas caricaturas, e sua litografia foram bastante inovadoras. O personagem principal é o chamado Doutor Semana, visto como áter ego de Fleiuss e em alguns momentos até Machado de Assis pode ter se utilizado de tal personagem em algumas publicações. Seguido do Dr. Semana vinha o chamado O Moleque, esse personagem sempre estava acompanhando o Dr. Semana e o tratava por Nhonhô. Mais para frente existiu também a criação de dona Negrinha, esposa de O Moleque.

“O Dr. Semana (que já foi considerado o alter ego de Fleiuss) era representado como um tipo atarracado, de cabeça enorme, desproporcional em relação ao corpo. Trazia uma Cruz de Malta pendurada no pescoço e apresentava-se vestido de maneira peculiar. Usava punhos de renda e, na cabeça, um chapéu tirolês de cuja aba pendiam penas longas. Mantinha aberto o olho esquerdo, que piscava enquanto olhava para o leitor, mas o direito permanecia fechado. Segurava, com a mão direita, um número da *Semana Ilustrada* e, com a esquerda, ajudava dois “bobos da corte” a passarem uma tira com imagens numa lanterna mágica. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.” (Rio de Janeiro: Secretaria, 2007: 13)

A revista teve um cunho político forte também, durante a Guerra do Paraguai (1864-1870), Fleiuss expõe no periódico o apoio ao exército e ao Imperador. Logo no início do conflito um chamado para o voluntariado é exposto em uma de suas edições. A fidelidade de Fleiuss ao Imperador é constante, suas charges satirizavam a imagem de Solano Lopez e de seu exército. Antes da guerra o Brasil também teve participação nos conflitos uruguaios, Fleiuss cria charges sobre os blancos e sobre os separatistas de Entre-Rios.

As sátiras eram a marca registrada da *Semana Ilustrada*, por muitas vezes criticada por concorrentes a revista durou muito tempo, em abril de 1876 Fleiuss com muito pesar publicou uma edição de despedida da revista. A falta de verbas acaba com um dos periódicos de maior importância na história do Brasil. As charges iam do

cenário político até o cotidiano do brasileiro com grande foco no ambiente carioca. A existência da *Semana Ilustrada* foi de tremenda importância para a história da imprensa brasileira e ficou marcada até hoje.

2.2 Uma introdução a *El Centinella*: Periódico serio-jocoso

Diferente do periódico brasileiro o *El Centinella* foi criado especificamente para a guerra e sua primeira edição foi publicada em 25 de abril de 1827, numa quinta-feira. Era publicado semanalmente em Assunção, capital paraguaia, naturalmente era distribuído com as dificuldades que um periódico desse tempo enfrentava e basicamente só chegava as mãos de quem rodeava a capital. *El Centinella* tinha seu foco quase que total nos relatórios de guerra e opiniões sobre os embates, naturalmente a guerra tira a importância de assuntos do cotidiano e em geral rouba toda a cena.

O periódico teve uma duração curta de um ano, em geral apresenta charges satíricas e comemorativas quanto a vitórias sobre a tríplice aliança. Diferente do *Semana Ilustrada* o *Centinella* tem textos e charges diretas e não havia espaço para muita crítica velada. As páginas do periódico começam respeitando um padrão, as quatro páginas eram divididas em duas charges e duas páginas só de texto. Poucas vezes as páginas com charges não tinham textos, com o passar do tempo o padrão é desfeito, os textos gradativamente crescem e as charges só aparecem na última página de cada edição. As poucas edições que fogem desse padrão são as que tem charges muito grandes e elas acabam ocupando duas páginas.

O texto inicial do periódico ilustra bem o seu objetivo, dentro do corpo do texto estão palavras encorajadoras e que demonstram o *El Centinella* como um soldado no campo de batalha pela nação paraguaia e seu líder Solano López. O texto fala que os paraguaios estão enfrentando um monstro, continua falando sobre o arsenal e notícias sobre o embate, já que o periódico surge dois anos após o início dos conflitos. Logo abaixo está uma parte do texto contido no periódico guarani e toda a sua importância.

“El Centinela, >> que hoy aparece em el terreno periodístico, es uno de esos soldados jóvenes que vos habéis hecho celebre em los campos de batalla. Firme em el puesto que el honor le há señalado, vechaer á sus plantas un diluvio de proyectiles, como caen al pié de essas pirâmides graníticas las

estériles granizadas de invierno. La voz de <<El Centinela>> recorrera las tendas de campaña de nuestros numerosos Ejércitos, y con el alerta robusto de ordenanza, pondrá al Soldado-Leon enpié, haciéndole escuchar en el silencio de la noche, y á la lúmbre de su fogata, los prelúdios épicos de sus hazañas.” (El Centinella: Periódico serio-jocoso, 1867: n.1, p.1)

O lado textual da revista tinha um impacto maior do que as próprias charges. A divergência era bem visível se comparado ao periódico brasileiro, Flusser dava uma importância fundamental as charges e a Semana tinha o dobro do tamanho do *Centinella*. As charges eram melhor elaboradas em todos os sentidos, tinham cunho político e artístico. Por outro lado, as charges do *El Centinella* eram enfáticas em seu objetivo, não existiam alter egos no periódico paraguaio, não existiam críticas a lideranças políticas e as charges só complementavam os textos incisivos contra os inimigos.

Em geral o periódico paraguaio oferecia leituras favoráveis as decisões de seu ditador, a duração é curta, como já dito, e aparentemente o efeito patriótico paraguaio nem mesmo se mostrava necessário. O Brasil utilizou de seus periódicos para gerar um sentimento de voluntariado e isso funcionou no início. Solano obrigou a entrada no exército desde o início dos embates e no fim das contas o periódico era só mais um soldado indiferente nessa guerra perdida.

3. Charges

Neste terceiro e último capítulo entramos na parte mais importante, basicamente o foco principal da pesquisa. As charges que aqui apresentadas foram separadas e analisadas uma a uma. Dentre essas análises tivemos o cuidado de subdividi-las em alguns grupos como: sátiras, religião, animais, opiniões diretas da revista, entre outros. O foco principal é a apresentação e análise chargista, entretanto, o aparecimento de legendas e textos do periódico são muito bem-vindos para uma melhor compreensão do objeto visual estudado.

Começaremos então pelas sátiras. Basicamente a maior parte das charges envolviam sátiras de todos os tipos. Temos sátiras com o pelotão de voluntários, com os inimigos paraguaios, com a situação da guerra e afins. Dentre essas sátiras temos as que demonstram uma real opinião da revista quanto ao seguimento da guerra e outras que servem para dissertar mais sobre o assunto da guerra sem apresentar um lado mais sério e direto.

Essa temporalidade escolhida por nós é bem leal dentro do periódico, a revista tem nesses quase cinco anos de guerra um foco semanal com os acontecimentos. Lembrando que o periódico *Semana Ilustrada* tinha o padrão de ser semanal, tendo oito páginas, dentre elas em quatro existem somente textos e nas outras quatro charges e pequenos textos. Vale ressaltar que a revista tinha edições especiais e que fugiam o padrão, entretanto são exceções pontuais.

Dando início as charges, vamos subdividir as sátiras em grupos que condizem entre si. Começando com sátiras aprofundadas no lado cômico, assim como veremos no periódico paraguaio, os brasileiros também ofendiam bastante os líderes e exército inimigo. Em geral, a *Semana Ilustrada* apresenta pareceres favoráveis a atitudes do Imperador, o ar do nacionalismo e do orgulho por estar do lado certo é sempre presente. Sempre que possível a revista apoiava o exército e fazia chacota dos inimigos paraguaios.

Logo abaixo vamos apresentar duas charges que são datadas do início da guerra, a da esquerda aparece na edição de 29 de fevereiro de 1865, no início do combate. Apresenta uma piada quanto ao homem que está fugindo de sua esposa para o pelotão de voluntários. A direita temos a charge datada de 23 de abril de 1865 e faz chacota quanto a forma física do pai de Solano López, o seu antecessor Carlos Antônio López.



O VOLUNTARIO OBRIGADO.
— Vou ser voluntario para vêr-me livre de ti,
meu bem.



Carlos S. Lopez.
Deste hippopotamo nasceu o tigre que actualmente afflige
os Paraguayos.

Fonte: *Semana Ilustrada*, 29 de fevereiro e 23 de abril de 1865

Estas charges não são diretamente opiniões sobre o combate e sim formas descontraídas que o periódico apresenta sobre a guerra. De um lado o homem que

foge de sua esposa, tendo uma realidade ruim o suficiente para aceitar o campo de batalha e arriscar sua vida apenas para abandonar sua “amada”. Do outro lado, temos Carlos que é apresentado como um homem fora do peso e que segundo a revista é o culpado pelo tigre que assola a paz brasileira. É interessante iniciar a análise chargista por esses objetos para entender que não só o boletim diário era apresentado, a guerra também era uma forma de entretenimento nas charges da Semana.



Fonte: Semana Illustrada, 2 de abril de 1865

“Fui, no dia imediato, ver os Voluntarios da Patria. E’ um bonito drama, cheio de inspiração e de felicidade. Sem medo de errar, é o melhor trabalho do pai dos Homens do campo. Do talento desse joven literato não se podia esperar outra cousa. Fiquei-lhe a gloria de ser o primeiro historiographo dos nossos fastos bellicosos.” (Semana Illustrada, 1865: n. 228, p.3)

Esse conjunto de charges apresentam diálogos bastante interessantes. De um lado, uma mulher patriota que defendendo o Brasil na guerra, deu uma bofetada em seu marido que tentava argumentar em defesa de López. Podemos perceber a forma em que a revista indiretamente apresenta o ideal patriótico, não importando o grau de parentesco ou amizade, o mais importante naquele momento era a defesa e a vitória do exército brasileiro na guerra contra o Paraguai. Por outro lado, percebemos outra forma indireta de dar louros ao exército. A charge apresenta um jovem que treina com muito afinco para se apresentar ao pelotão de voluntários, desta forma a revista valoriza o voluntariado e ajuda na manutenção do exército.

As duas charges apresentadas em sequência, são de um viés satírico diferente, apontado não mais para o lado humorístico da sátira. Na charge logo abaixo temos a representação brasileira, trajado de indígena guerreiro junto as navegações brasileiras. López se encontra atrás de uma fortaleza, essa fortaleza é a já conhecida Humaitá. Esse contexto apresenta a covardia de López, além disso, demonstra a dificuldade que o exército brasileiro teve de penetrar as instalações de Humaitá, tendo em vista que foi o momento mais importante e estratégico da guerra. López tinha consigo uma fortaleza muito bem defendida e organizada e se escorava nisso, como apresentado na charge.



Fonte: Semana Ilustrada, 2 de abril de 1865

Em sequência, temos a acusação do periódico brasileiro de que o líder paraguaio estava enviando pessoas indefesas e despreparadas para a batalha, como é o exemplo de idosos e crianças. Essa representação deixa nítida a crueldade e a magnitude que a Grande Guerra tomou. A charge demonstra o nível de disputa que o conflito chegou, se tornando um matadouro a céu aberto.

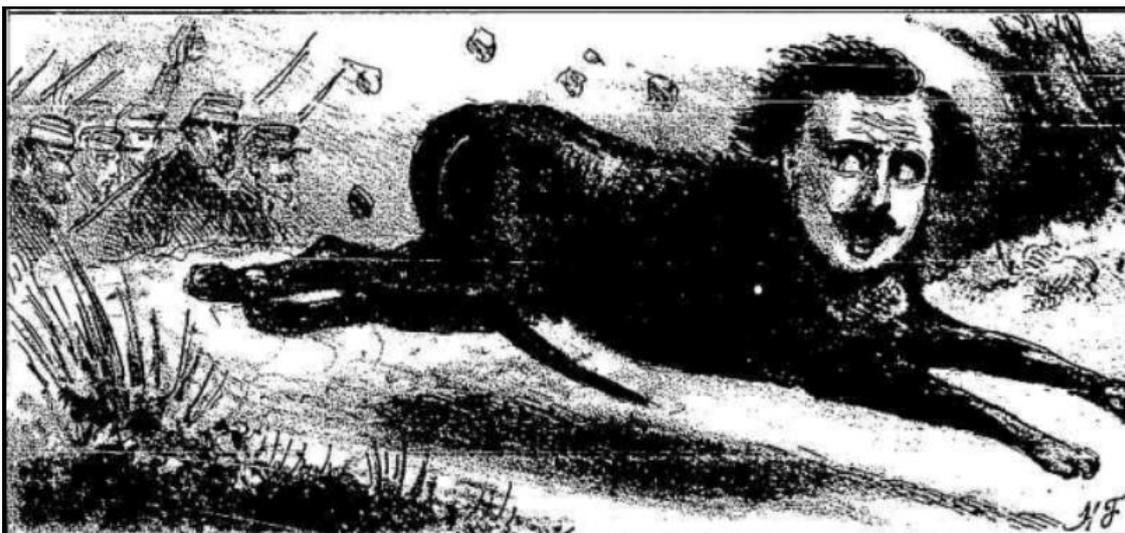


o Lopez está recrutando velhos, velhas e crianças, que emprega como instrumentos de guerra, sem receio de que se convertão em rezes destinadas aos matadouros.

Fonte: *Semana Ilustrada*, 3 de setembro de 1865

Como dito acima, as charges no periódico brasileiro são de diversas especificidades. Outro tipo de charge catalogado nesta pesquisa são as chamadas “animalescas”. Em vários momentos a *Semana Ilustrada* apresenta personagens humanos com características animais e vice-versa. Algumas delas também tem cunho satírico, usando os animais para apresentar fraqueza no inimigo, entretanto como a recorrência desse uso animal, entendemos como necessário a subdivisão.

A seguir, Lopes é apresentado como um animal que foge do exército, não o brasileiro e sim o paraguaio. Essa charge apresenta uma crítica a López, além de líder político, Solano era líder do exército e não se apresentava como parte desse exército no campo de batalha. Como analisamos nas bibliografias, Lopes por uma boa parte da guerra apenas fugiu do exército brasileiro e essa foi uma forma de representação desses momentos pela revista.



Lopes e o seu congresso.

— Estou persuadido, que se chego a ausentar-me, a população se conservará tranquilla: não sou obrigado por lei escripta a acompanhar o exercito

Fonte: Semana Ilustrada, 23 de abril de 1865



Ao visitar — o *cholera-morbus* o exercito paraguayo — passa á fio de.... *garras* aos que as iras do *Mariscal* e as nossas balas pouparão.
Pois o famulento *abutre*, que já tanto devorou, sobre os cadaveres da sua propria familia e.... dá pasto á fome!

Fonte: Semana Ilustrada, 26 de maio de 1867

Um pouco mais afrente na linha temporal da guerra, Solano é apresentado como gavião que devora os corpos mortos de seu próprio exército e povo. Essa representação toma conta do momento em que a guerra se aproximava. As forças de Brasil, Argentina e Uruguai eram visivelmente maiores, o exército paraguaio poderia

até ser melhor preparado, entretanto os fatores numéricos e econômicos fizeram com que o líder paraguaio só prorrogasse a guerra por orgulho. Em devido momento a guerra deixa de ser um embate e se torna um massacre. Solano em momento algum aceitou a derrota e fugiu até o último segundo, usando seus homens como escudo e tentando virar o cenário dos combates.



Cães com diferentes colleiras.

DR. SEMANA.—Vamos-lhe acima com vento fresco.
MOLEQUE.—Para que, nbonhó? Elles ladrão mais do que mordem.
DR. SEMANA.—E' mesmo para que não ladrem e não mordão que convem dar-lhes uma esfrega mestra. Avante, Brasii! Debandemos essa matilha de modo que percão a vontade de incomodar-nos.

Fonte: Semana Ilustrada, 25 de dezembro de 1864

A charge acima merece uma explicação para seu título. Na imagem vemos o exército brasileiro, junto ao Dr. Semana e o Moleque, indo atrás de um exército de cães com diferentes coleiras. Essa charge junto ao título tem dois remetentes, por um lado os uruguaios blancos que acabam de perder a disputa interna, com ajuda do exército brasileiro aos colorados. Por outro lado, nesta edição temos a notícia sobre a invasão dos paraguaios no sul do Brasil, anunciando outra guerra em sequência a vitória em terras uruguaias.

“Cidadãos! Sanhudo barbarismo açula-se contra nós lá das plagas ao Sul do Imperio! Um facto inaudito da mais feroz SELVAGERIA acaba de ser praticado contra a integridade do Brasil! Infame, cobarde e traiçoeiramente a

nossa bandeira é insultada pelo bárbaro e despótico governo do Paraguay, governo indigno de reger os destinos de algum povo neste século onde impera só a luz da razão cultivada.” (Semana Ilustrada, 1864: n.211, p.2)



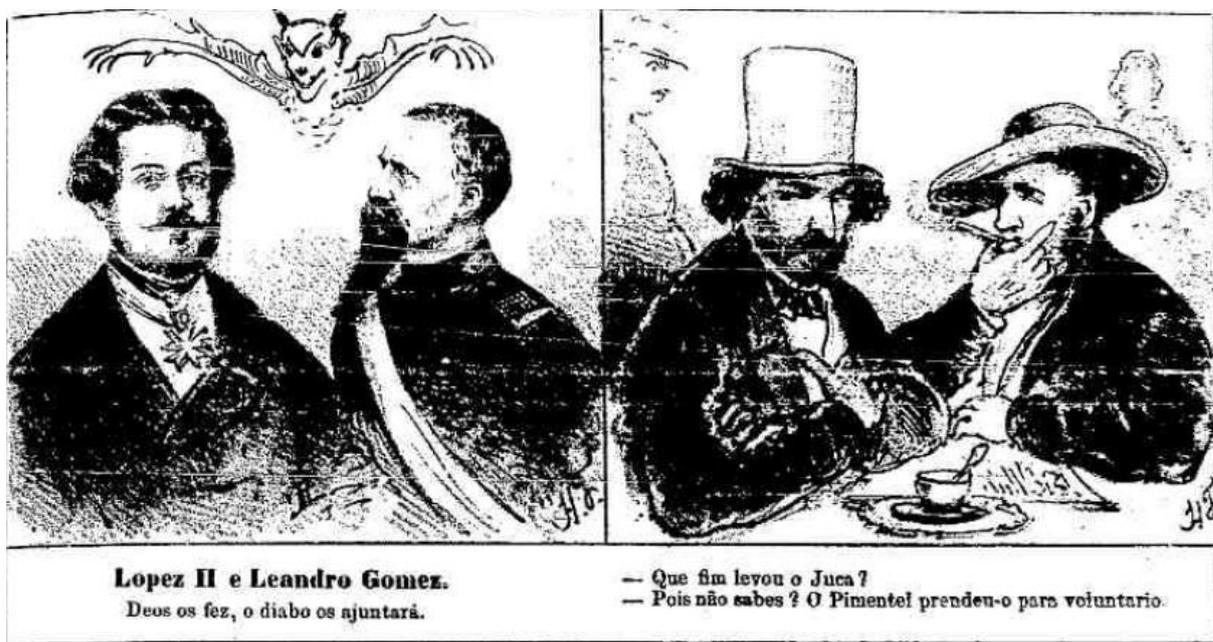
O programma do gabinete.

“... A questão do dia é a guerra. Debellar esta guerra, guerra empreendida contra todos os direitos divinos e humanos, guerra inaugurada com a espoliação, o roubo e o assassinato; debellar uma tal guerra é o grande programma do governo.”

Fonte: Semana Ilustrada, 21 de abril de 1865

A charge acima apresenta exatamente o imaginário brasileiro na guerra, uma batalha justa aos olhos de Deus e dos brasileiros. Em alguns momentos a revista traz a ideia de que o Brasil não gostaria de estar na guerra, jogando assim toda a culpa da batalha em costas paraguaias. A população paraguaia é diversas vezes apresentada como marionete enviada à morte pelo seu líder guiado pelo demônio. Segundo a *Semana Ilustrada*, o Brasil não apenas tem o melhor exército e organização, constantemente a presença divina é colocada na equação da guerra.

A vitória era a garantia e a razão para a chacina é a audácia de Solano se virando contra o Brasil, terra que era protegida por Deus e pela paz. O cotidiano da guerra mostra que não tinha um lado em que a religião pudesse defender, entretanto a religião era uma das formas mais interessantes de guiar voluntários ao exército. No decorrer das batalhas o exército perde tropas significativas e a duração do combate unido ao despreparo faz com que o voluntariado se apresente como suicídio.



Fonte: Semana Ilustrada, 5 de fevereiro de 1865

Como dito acima, constantemente os inimigos da tríplice aliança eram apresentados como diabólicos. Leandro Gomez era um coronel uruguaio que atuou na guerra civil entre blancos e colorados, como já dito anteriormente, o Brasil entrou na guerra e deu a vitória aos colorados. Do outro lado, ainda temos sátiras quanto ao pelotão dos voluntários, o dito “voluntariado” já é tomado como forma de prisão. Ter o voluntariado como algo forçado é uma parte importante do que a guerra fez com o cotidiano brasileiro, em diversos momentos inimigos políticos e comerciais enviam uns aos outros para a guerra, formando assim um imaginário cruel e horripilante quanto ao pelotão de “voluntários” enviados ao campo de batalha.

O imaginário religioso é constante na guerra, o que faz parecer muito uma guerra santa e não o que realmente era. As disputas econômicas e territoriais são colocadas de lado, o lado do orgulho brasileiro e da santidade da pátria é levada como prioridade. Em todo momento a revista tenta apresentar ao brasileiro cristão que ir para a guerra é defender a igreja de cristo e seus filhos. Charges envolvendo santos são mostradas e o exército sempre tem a religião como escudo maior contra os paraguaios. A charge exposta em seguida apresenta São Sebastião armado em defesa do brasileiro, ao lado do personagem representativo do Brasil, como já dito antes, traços indígenas, escudo do império no braço, coroa representando a defesa a monarquia, lança

representando o exército e vestimenta também indígena para remeter as raízes do povo brasileiro.



S. SEBASTIÃO.
GUIANDO O BRASIL CONTRA OS INIMIGOS DA PATRIA.

Com passo firme e a mão valente armada
Brasil, guiar-te-hei ao céu da gloria.
Tens inimigos? Toma a tua espada,

Fonte: Semana Ilustrada, 22 de janeiro de 1865

Segue agora a tentativa de exposição dos escritos na bandeira, a imagem não tem tanta qualidade, entretanto tem boa parte legível e entendemos como um elemento importante para a descrição e interpretação da charge.

“Grande Santo, protetor
Do Imperio de SantaCruz,
A colheita de triumphos
Teus protegidos conduz,
Com tua espada inflamada
Afrente dos Brasileiros,
Sejão eles invencíveis,
Sejão heroes verdadeiros.”
(Semana Ilustrada, 1865: n. 215, p.8)

Em outros momentos a revista também apresenta acontecimentos em formato de charge, momentos muito importantes para a guerra e que ficaram marcados para a sucessão de acontecimentos. Como dito no segundo capitulo, a Argentina de Mitre não gostaria de se envolver nesse embate por motivos econômicos. Os colorados uruguaiois tinham uma dívida com o Império brasileiro, graças à ajuda na guerra civil. Entretanto, a atitude de Solano faz com que a tríplice aliança se forma, a invasão ao território argentino para continuar a conquista nos territórios sulistas do Brasil gera essa aliança que é representada nas charges.



TRIPLICE ALLIANÇA.

O Brasil, a Confederação Argentina e o Estado Oriental assignão o solenne tratado, por meio do qual, dentro de pouco tempo, um p. te ficará libertado e um tyranno será punido.

Fonte: Semana Ilustrada, 28 de abril de 1865

É muito comum ver na revista a imagem de Solano como traidor de seu povo, Judas que levou o povo a morte por fortunas. A guerra não é cruel apenas dentro dos

campos de batalha, a *Semana Ilustrada* não deixa em nenhum segundo o líder paraguaio passar ileso. Por diversas vezes, López é apresentado como ladrão oportunista, que rouba de quem deveria proteger e foge deixando promessas de uma vitória absurdamente distante. O Brasil e o brasileiro esperavam uma vitória rápida, antes mesmo da guerra começar os brasileiros já tinham seu império como o vencedor e isso facilitava nas críticas a Solano.



O verdadeiro Judas da situação.

Fonte: *Semana Ilustrada*, 28 de março de 1869



— Paraguayos! eu fujo; mas deixo-vos a mais sublime das compensações: Levo nas minhas garras todo o vosso ouro; ficão-vos porém todas as pennas da minha cauda.

Fonte: Semana Ilustrada, 12 de abril de 1868

As duas charges acima têm uma datação relativamente distante, dentro de uma guerra um ano é tempo para resolução de muita coisa. Ambas apresentam o líder paraguaio como um covarde que traiu a pátria assim como Judas traiu Jesus, em momento algum López é apresentado como boa pessoa ou com uma boa causa. Nesse período entre 1868 e 1869 a guerra já estava com um caminho muito bem traçado.

Solano já havia deixado Humaitá, a dezembrada acontece, boa parte do exército paraguaio é dizimado, Assunção é saqueada e López começa sua fuga. Juntando os

recursos que conseguiu, Solano começa a se separar do exército e tentar poupar a própria vida, por esse e outros motivos ele é visto como Judas. Em outros momentos López é visto como um marido ruim, deixando Miss Lynch passar necessidades e afins. De toda forma possível a revista acusa o líder paraguaio, tentando legitimar a guerra para os brasileiros e dar os louros da fé e da razão ao Império “pacífico” do Brasil.



Lopez e Miss Lynch (Preparando-se para ver os restos da Exposição Universal de Paris).

MISS LYNCH.— Anda depressa, Chiquinho!

LOPEZ.— Ingrata patria, não comerás meus ossos! Isto é de Scipião! Ao menos saio litterariamente!

Fonte: Semana Ilustrada, 13 de outubro de 1867

Em geral, as charges servem para diminuir o exército paraguaio e seu líder. As charges que tratam de outros assuntos dentro da guerra são de menor número e expressão. A charge acima apresenta Miss Lynch como comparsa de seu marido, fugindo com as riquezas paraguaias e ironicamente esbravejando reclamações sobre o seu povo. As charges que apresentam a esposa de López são em geral sobre fuga, sofrimento e constantemente deixando o povo abandonando em condições grotescas.

A revista em momento algum alivia para os inimigos e apresenta de forma agressiva sua indignação contra Solano. Obviamente existem exceções, entretanto são tão poucas que não dão volume a um tópico separado. Agora vamos dar um momento de análise para as aparições de Miss Lynch, sempre em condições ruins e aparentando maus cuidados. Se não é colocada como cúmplice, aparece em maus bocados.



Fonte: Semana Ilustrada, 20 de maio de 1866

Em outro momento, a mulher de Solano é apresentada como consoladora de seus soldados e como dito na descrição da revista ela transmite seu espírito aos mesmos. É visível a ironia na charge, Miss Lynch dá aos soldados paraguaios bebida alcoólica e seu espírito é agonizante e sofrido como se deixa visível em sua feição. Como já foi dito, a vitória nunca foi algo contestado para o lado brasileiro, as charges representam muito bem o ambiente brasileiro e a sequência de humilhações apresentadas na revista com os paraguaios são inúmeras.

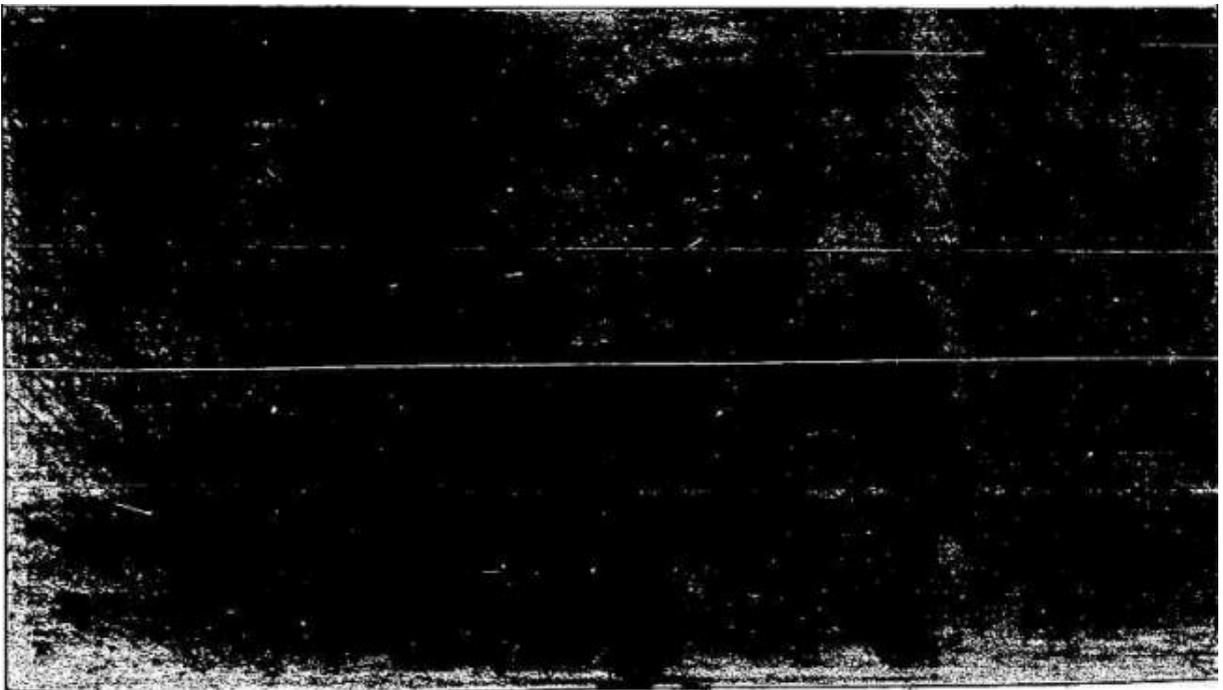
Na charge abaixo, podemos observar outro elemento satírico presente na revista, o ambiente hostil entre conservadores e liberais dentro do Brasil era intenso. Dentro do corpo textual da charge é visto em um momento as críticas religiosas já citadas anteriormente e por outro lado críticas contra inimigos políticos. Na charge, Miss dialoga com Solano e o mesmo solicita um contato com “os diabos”, a resposta é fraca e demonstra o esgotamento vivido pela guerra. Em seguida, Lynch dá a entender que sua “campanha” para conversar com os diabos já foi usada e a outra está com o ministro brasileiro na capital paraguaia.



A campanha de Miss Lynch.

LOPEZ. — Falla, com todos os diabos!
MISS LYNCH. — *(com voz fraca)* Não posso; tenho uma campanha só; a outra está com o ministro do Brasil em Assumpção!
(Vide Jornal do Commercio de 2 de Abril).

Fonte: Semana Ilustrada, 11 de abril de 1869



Ultima evacuação.

Lopez, vendo tudo perdido, evacua por causa das duvidas e n'esta manobra tomam parte Miss Lynch e seu filho. O cheiro é temivel, porque é cheiro de . . . defuncto.

Fonte: Semana Ilustrada, 10 de janeiro de 1869

Acima, é visto uma charge totalmente negra e representa um momento que se aproxima do fim dos embates. A evacuação é tida como a última e a partir deste momento começariam as fugas de Solano e as perseguições doentias de Dom Pedro II contra o líder paraguaio. O exército paraguaio neste momento já havia sido absurdamente minado e suas forças dizimadas. A revista já toma como ganha a batalha e o líder guarani é colocado muito próximo a morte.

Podemos observar na charge seguinte a continuidade da certeza quanto a vitória brasileira, os paraguaios são vistos passando fome, Miss Lynch é apresentada aos prantos ao lado de seu marido e uma senhora alimenta o possível filho do casal. A charge é nomeada de “En famille”, que se traduz como “Em família”, o idioma francês é usado na charge, o uso não é tido ao acaso, Solano conheceu Eliza Alícia Lynch em um baile na França, a rainha paraguaia era irlandesa, entretanto o encontro do casal foi em um baile de Napoleão III.



En famille.

Esperançosa juventude, ama secca errante, debilidade, consolação.

Fonte: Semana Ilustrada, 7 de fevereiro de 1869

Em seguida apresento uma charge que deixa bem clara uma das consequências da Grande Guerra, o fornecimento provindo em sua grande maioria de terras argentinas tem preço alto. Inicialmente o preço é alto por quantidade, a guerra dura muito e inevitavelmente o abastecimento de recursos se estende. Ao se aproximarem do fim da guerra, Conde d'Eu genro de Dom Pedro II e atual líder do exército no momento tenta reduzir os custos do abastecimento alimentício, entretanto as decisões

do Conde são precipitadas e por alguns meses o exército fica sem fornecedores. O acontecimento gera fome e mortes diversas.

Ao fim da guerra, o personagem que representa o Brasil na charge questiona os fornecedores sobre o resultado dos altos preços. O fornecimento deixa o Brasil em grandes dívidas e a ironia novamente aparece nas representações da revista. Os fornecedores fazem pouco caso das necessidades geradas por seu comércio e demonstram a “nudez” do império brasileiro ao fim do embate. Como dito no texto da charge “acabaram-se as pechinchas”



Fornecedores.

D. BRASÍLIA. — Agora que me tiraram quasi tudo querem ir para Europa?
FORNECEDOR. — A sua nudez é que nos obriga a isso. Acabou-se a guerra — acabaram-se as pechinchas.
Viva quem soube aproveitar o tempo!!

Fonte: Semana Ilustrada, 6 de fevereiro de 1870

Outro problema grandioso dentro da influência de Dom Pedro II é representado em charges da Semana, a morte de Solano causada pelo soldado Chico Diabo é uma tragédia ao fim da guerra. O Imperador brasileiro precisava da prisão do ditador paraguaio, a busca incessável pelo paraguaio não era atoa, ter o maior inimigo do Brasil no cativeiro evitava uma tentativa de reerguer o governo dos López e a morte do paraguaio significava o início da imagem do tirano como mártir.

Ao fim da guerra Dom Pedro II tinha inúmeros problemas e estava frente a frente com o declínio do sistema imperial no Brasil. O primeiro e maior deles era o rombo gerado na economia brasileira, a guerra necessita de recursos imediatistas e que nunca saem baratos. O segundo problema era a queda de sua influência, a guerra o transformou em um Imperador desmedido quanto a suas ganancias e por outro lado o crescimento do poder militar foi visível e assustador para o poder do líder brasileiro.



CHICO DIABO
atravessando com uma lança o monstro mais barbaresco e hediondo, que tem visto o mundo—o execrando
Francisco Solano Lopez, destruidor de sua propria patria!...

Fonte: Semana Ilustrada, 27 de março de 1870

Ao fim da guerra é nítida a drástica mudança no espírito patriótico da *Semana Ilustrada*, os discursos fiéis, fervorosos e patrióticos já são inúteis. Nesse momento, os personagens da revista são apresentados com exaustão em suas expressões, a charge, apresentada a baixo, demonstra muito bem que no fim de toda a campanha o que restava era decepção. A tão sonhada campanha curta e devastadora se fora rapidamente. O Império tomou diversos baques em seu poder e nem mesmo a vitória em campo de batalha foi o suficiente para sustentar o sentimento patriótico.



Fonte: *Semana Ilustrada*, 3 de abril de 1870

Agora iniciaremos a análise das charges encontradas no periódico paraguaio *El Centinella: Periódico serio y jocoso*. O periódico paraguaio era basicamente comandado pelos ideais de Solano, as charges em geral apresentam sátiras, ironias e ataques diretos a toda tríplice aliança. Em geral o periódico foca seus ataques a seu inimigo inicial, o império brasileiro aparece em diversos momentos e em ocasião

alguma os ataques possuem algum tipo de filtro. Necessariamente procuram desde a forma mais simples até a mais ofensiva e complexa possível para atacar os brasileiros.



Fonte: El Centinela, periodico serio y jocoso, 9 de maio de 1867

A charge apresentada acima demonstra um ataque direto a tríplice aliança, os soldados paraguaios são apresentados lutando contra uma espécie de dragão ou serpente de três cabeças e a possível demonstração da aliança misturada a uma serpente pode remeter a escolha de Bartolomé Mitre. Vale lembrar que o líder argentino não permitiu que o exército paraguaio usasse suas terras para chegar ao Rio Grande do Sul e ao forçar a entrada Solano é considerado inimigo argentino.



Fonte: El Centinela, periodico serio y jocoso, 25 de abril de 1867

A charge acima não tem uma explicação nítida e completa por si só. Antes deste elemento chargista existem textos que em geral atacam a tríplice aliança e apresentam uma forma de tríplice aliança paraguaia. Dentro dessa aliança estão a indústria, a eletricidade e o vapor, esses elementos se apresentam dentro do arsenal de guerra, o telégrafo e a ferrovia. Todos esses elementos são favoráveis a vitória paraguaia na guerra e aí entra a análise da charge. Em sequência a apresentação dos elementos, o texto segue para um título “Muerte de Mitre”, o monstro apresentado na charge é todo o arsenal de guerra paraguaio que levaria a morte de Mitre e em seguida a vitória no conflito.



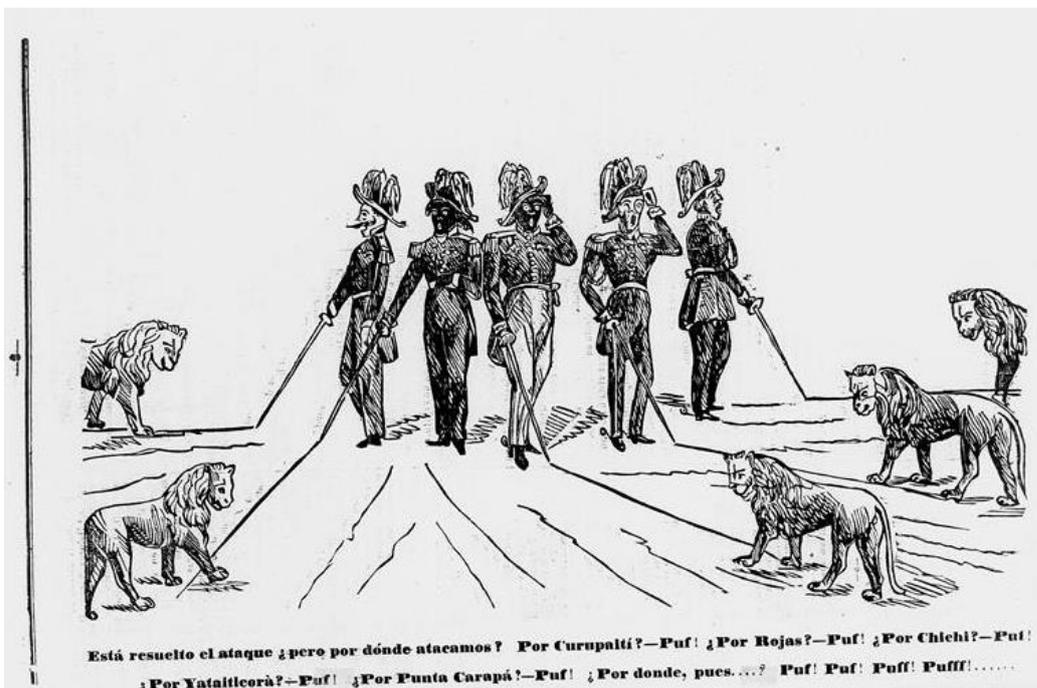
Fonte: El Centinela, periodico serio y jocoso, 23 de maio de 1867

As verdadeiras vitórias do exército paraguaio foram poucas, no geral as vitórias dos guaranis se resumiam a pausar as campanhas da tríplice aliança e com esse fator acontecendo as vitórias eram absurdamente comemoradas e expostas dentro das charges e dos textos do periódico. A charge mostra uma das vitórias do exército paraguaio sob a aliança. Em seguida temos outra representação de vitória dos paraguaios, esta já é de outro conflito nomeado de “A Retirada da Laguna”. É inevitável perceber o sentimento patriótico contido na charge, não é surpresa que o periódico trate cada vitória como um ato heróico de uma nação atacada por uma aliança cruel.



Fonte: El Centinela, periodico serio y jocoso, 2 de maio de 1867

Mesmo com poucas vitórias significativas o periódico paraguaio sempre tentou levantar a moral de seu exército e nação. A charge sequencial apresenta soldados brasileiros encurralados por cavalos paraguaios e no texto citam locais por onde atacariam as tropas brasileiras que ocupavam terras guaranis. É interessante ressaltar a presença de soldados negros na charge, isso era uma provocação direta devida a presença de negros escravos na guerra e mesmo que isso acontecesse no exército paraguaio ainda era uma arma utilizada pelo periódico para difamar a qualidade do exército.



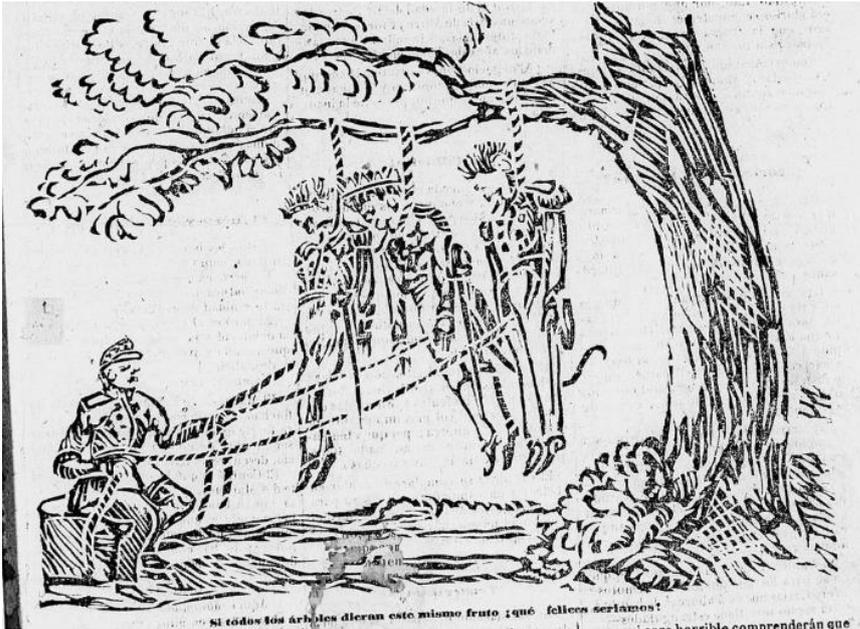
Fonte: El Centinela, periodico serio y jocoso, 27 de junho de 1867

Logo em seguida temos a charge mais marcante do periódico e em geral todo o lado paraguaio chargista só é conhecido por essa imagem. Os três macacos apresentados na charge são generais brasileiros e o elemento satírico é notável nessa obra. Os dois macacos das pontas são Poliodoro Jordão, general importante na campanha brasileira dentro do Paraguai e Joaquim Lisboa, mais conhecido como general Tamandaré, que foi outro militar importante na campanha. Ao centro é apresentado Dom Pedro II e na charge os três estão fazendo uma “reunião secreta” sobre a guerra. Em geral a charge só serviu para provocar e difamar os líderes militares do Brasil. A charge é conhecida como “Los Macaquitos”.



Fonte: El Centinela, periódico serio y jocoso, 9 de maio de 1867

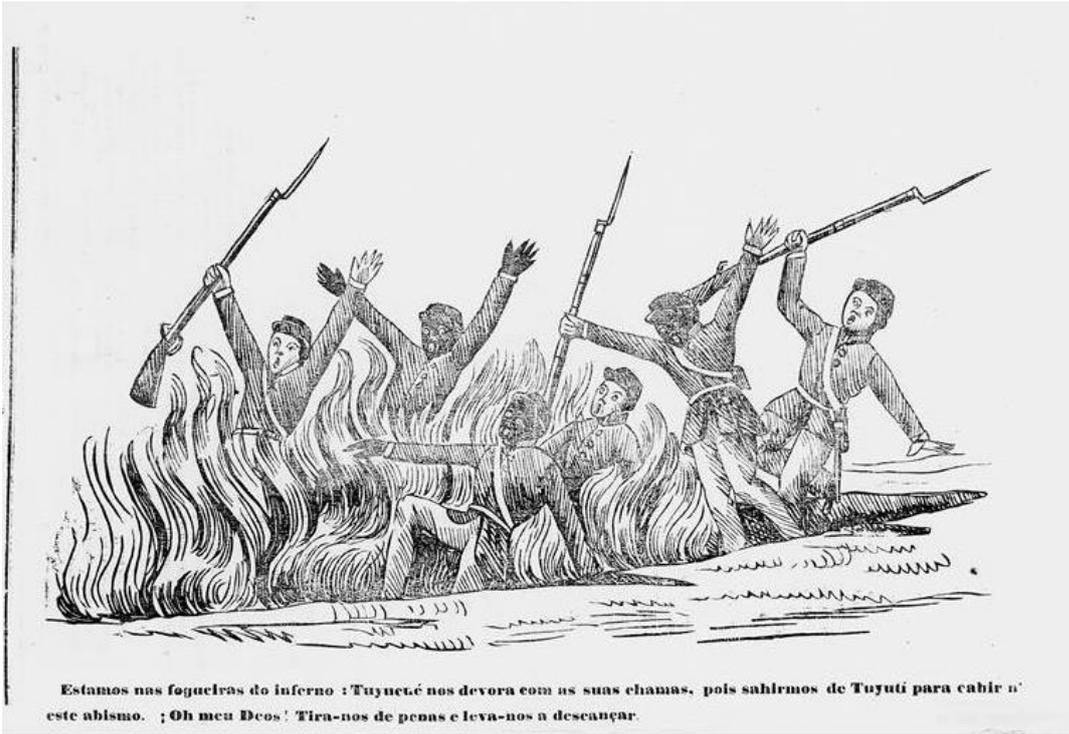
Novamente é presente na revista o escárnio em forma animalésca e em geral os macacos seriam usados como padrão de insulto vindo dos paraguaios. Existem inúmeras formas de interpretar este uso e uma delas é que as charges tinham cunho racial indicando uma comparação do uso de escravos na guerra com macacos brasileiros. Nos textos dos dois periódicos existem textos com cunho racial envolvendo o uso de escravos, entretanto como o uso de escravos era presente nos dois exércitos e isso só se apresenta como uma provocação barata dos exércitos.



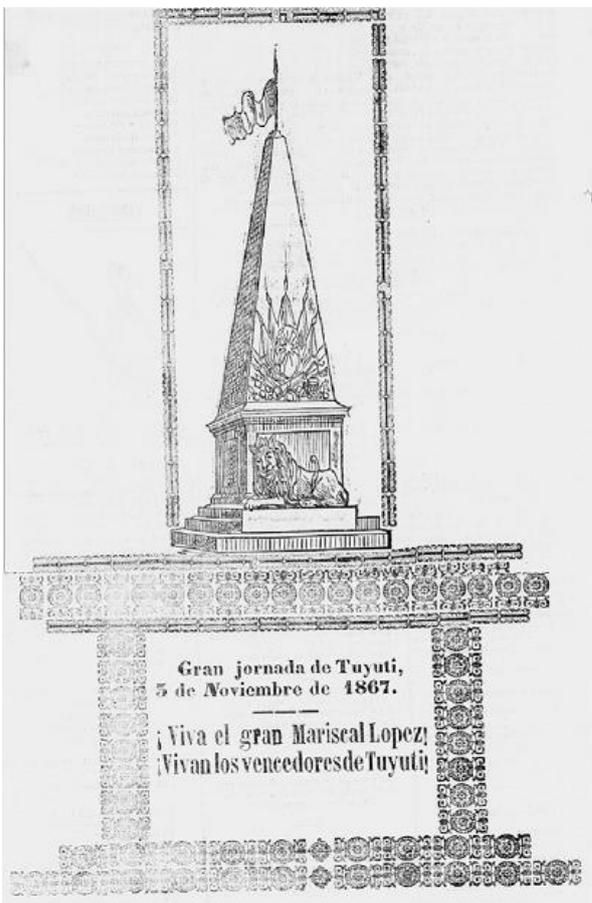
Fonte: El Centinela, periodico serio y jocosos, 6 de junho de 1867.

A revista tem duração de apenas um ano, após esse período a derrocada paraguaia foi intensa e a guerra se tornou uma caça às bruxas do exército brasileiro com Solano. A discrepância numeral de charges entre um periódico e o outro tem uma boa explicação. Enquanto o periódico brasileiro já existia antes da guerra, continuou sua produção por muito tempo e o formato dos periódicos também afetou o formato da pesquisa. Muitas charges dentro do periódico paraguaio estavam sobrepostas com textos e a qualidade não favoreceu a uma quantidade parecida de charges brasileiras e guaranis.

Em sequência temos mais uma das charges que o periódico paraguaio força um patriotismo que ia em contramão aos resultados da guerra. Na charge, soldados aliados pegam fogo após saírem de Tuiuti aonde aconteceu uma vitória dos aliados contra os paraguaios e mesmo que as tropas da tríplice tivessem sofrido inúmeras baixas, a vitória ainda era clara. É um movimento corriqueiro e repetitivo dentro do ano de publicação do *El Centinella*, as manobras para manter a moral do exército dentro da capital paraguaia e dos locais que eram abastecidos com o periódico eram constantes. Vale novamente ressaltar a presença de soldados negros dentro da charge, essa forma provocativa é recorrente até o fim das publicações do periódico paraguaio que apresentava o uso de escravos como uma vergonha e isso claramente mostrava a forma de ocultar as atitudes de López, que também utilizou escravos nas batalhas.



Fonte: El Centinela, periodico serio y jocoso, 15 de agosto de 1867



Fonte: El Centinela, periodico serio y jocoso, 14 de novembro de 1867

As poucas vitórias paraguaias foram muito comemoradas nos periódicos, as informações sobre as derrotas não eram presentes nos informativos e a falta de informação era acobertada por lembranças patrióticas sobre as vitórias. A *Semana Ilustrada* não era firme em críticas sobre as derrotas, entretanto sempre existia uma crítica mesmo que velada dentro das charges e no periódico paraguaio isso era inexistente.



Fonte: El Centinela, periodico serio y jocosos, 26 de setembro de 1867

A aliança tinha um quartel em Tuyu Cué no Paraguai e provavelmente o acampamento brasileiro em terras paraguaias incomodava bastante os guaranis. Na charge temos vários elementos satíricos presentes, Mitre era visto como narigudo, possivelmente por ter entrado na guerra e contrariado a vontades dos paraguaios. Flores é apresentado como um qualquer e provavelmente era tão odiado quanto o Brasil.

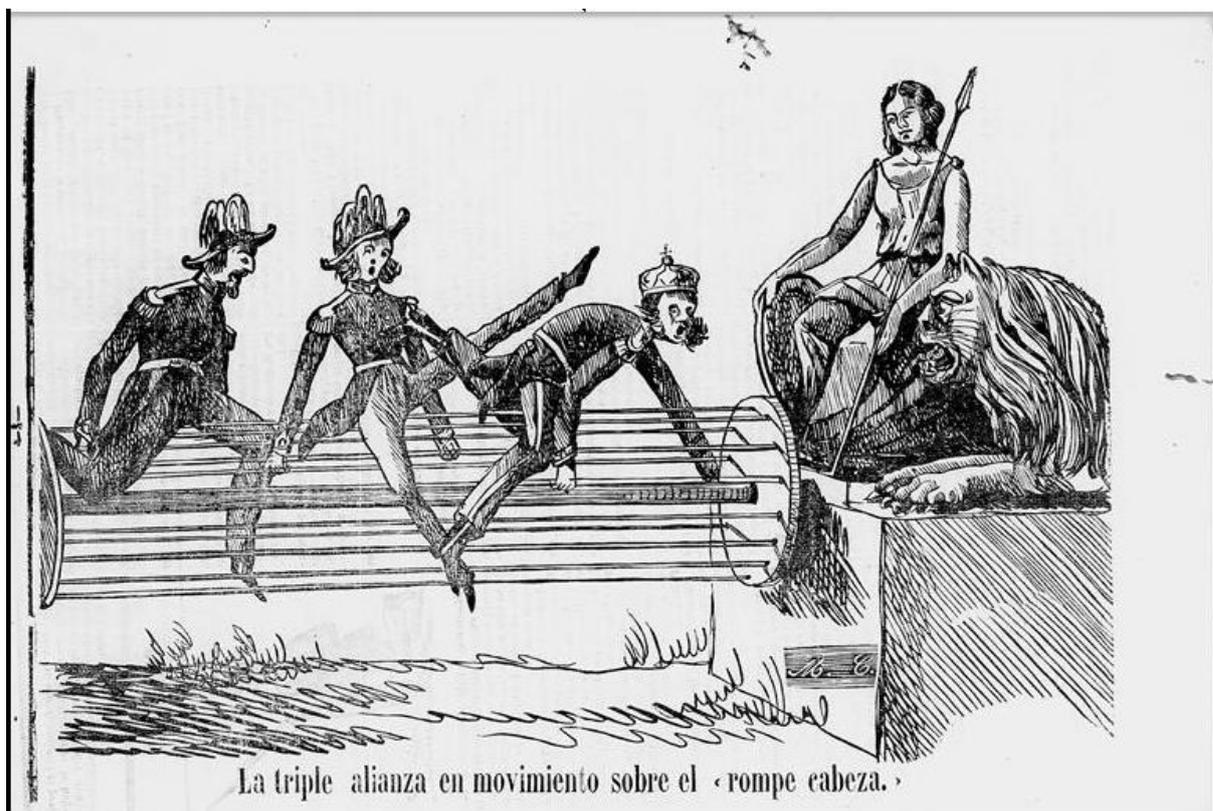
Flores era líder colorado, os aliados paraguaios eram os blancos que perderam a disputa pelo poder no Uruguai e por isso Flores nem mesmo ganha destaque na charge. Vale lembrar que os uruguaios não tinham grande disponibilidade de contingente já que acabavam de sair de conflitos internos. O general colorado Enrique Castro é junto a Duque de Caxias associado a um homem acima do peso e obviamente a provocação era maior para o lado de Caxias, sua feição é totalmente distorcida, o colocando em uma posição ridicularizada na charge.



Fonte: El Centinela, periodico serio y jocosos, 24 de outubro de 1867

A charge acima apresenta exatamente o que o exército paraguaio sonhava acontecer, a aliança entre brasileiros, uruguaios colorados e argentinos de Mitre era bem estável e na realidade a guerra foi bem administrada entre exércitos brasileiros e argentinos em menor escala. O Uruguai acabava de sair duma guerra civil contra os blancos e instabilidade era a palavra de ordem das terras lideradas pelos colorados. A Argentina de Mitre era a fornecedora dos brasileiros, somente na entrada de Conde d'Eu que aconteceram faíscas nessa relação e isso seria nos momentos finais da guerra.

Enquanto podia o líder argentino era também o líder dos exércitos da tríplice aliança e por problemas internos pelo poder em suas terras Mitre cede sua liderança a Duque de Caxias. Essa substituição é bem sentida na guerra visando que junto a Mitre recuaram boa parte de seus soldados.

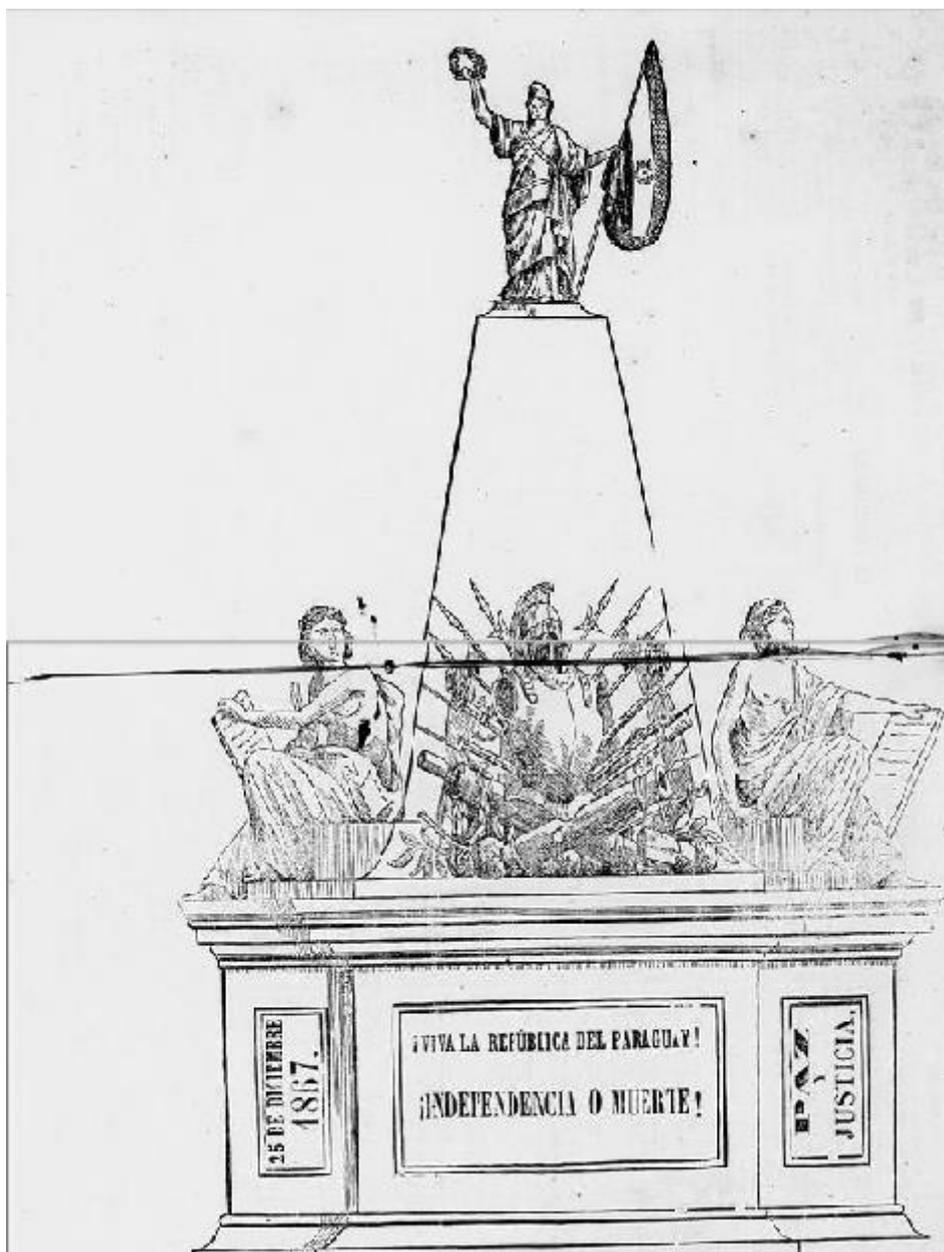


Fonte: El Centinela, periodico serio y jocoso, 5 de dezembro de 1867

Nesse momento a guerra já tinha um rumo bem definido, a sequência de avanços da tríplice aliança pausa após ultrapassar a fortaleza de Curupaiti, entretanto a retirada de Humaitá era só questão de tempo e perder o alicerce maior do exército paraguaio era uma sentença de morte. Mesmo com todas as possibilidades contrárias a vitórias de campanhas paraguaias o periódico segue firme, a charge mostra a tríplice aliança “em movimento sobre “el rompe cabeza”, a aliança é vista como marionete caminhando para perder suas cabeças e a charge foge muito da realidade dos confrontos.

A próxima charge foi a última publicada pela revista em sua última edição, deste momento em diante as derrotas paraguaias foram constantes, inevitáveis e causaram todo o desenrolar já citado dentro do trabalho. A escolha de Solano em travar uma guerra foi equivocada e criou uma instabilidade populacional dentro do Paraguai. A

situação final paraguaia gerou um retrocesso gigantesco dentro do país e no fim das contas nem mesmo a guerra travada dentro da imprensa foi ganha. É importante entender que toda a análise dentro deste contexto gera descobertas de momentos e padrões dentro de uma imprensa.



Fonte: El Centinela, periodico serio y jocoso, 26 de dezembro de 1867

A análise de cada charge se mostrou tão fiel a história como a própria historiografia, dentro dos textos de Doratiotto, Salles e Izecksohn apresentam os acontecimentos que são encontrados, relatados e entendidos dentro dos textos e charges dos periódicos. Todo início da guerra é tido pelas duas partes como uma

campanha ganha e a euforia dos lados é imediata. Por um lado, o Brasil forma um exército do nada e tenta entrar em um embate contra um exército bem articulado do lado paraguaio. O Uruguai passava por dificuldades em uma guerra civil grande e as charges também apresentam a repulsa aos blancos. O lado paraguaio faz o contrário, apresenta um ódio descontrolado e focado no Brasil, ignorando todos os acontecimentos nas províncias orientais e tratando Mitre como um traidor.

Ao fim das análises podemos perceber que dentro do periódico brasileiro o embate entre a política interna e os acontecimentos da guerra eram intensos. O periódico brasileiro adotou a guerra como papel principal em suas páginas, entretanto nunca deixou de apresentar as sátiras políticas e novelas cotidianas. Do lado paraguaio foi diferente, a revista criada para a guerra sempre buscava apresentar em sua gigantesca maioria os acontecimentos e opiniões sobre a guerra.

Os dois periódicos foram muito importantes e marcantes dentro do conflito. É muito importante a análise desses conteúdos e enriquece muito todo esse estudo. Entendemos que existe grande necessidade em ampliar as pesquisas dentro desse ambiente, não é comum uma abordagem específica sobre charges como as que utilizamos. Mesmo que absurdamente parciais, as charges contam por si só uma história da Guerra do Paraguai e definitivamente merecem uma atenção especial nessa história.

4. Considerações Finais

O presente trabalho buscou apresentar uma história comparada, dando o máximo de voz a todos os ambientes estudados e buscando apresentar uma história já contada diversas vezes, entretanto de forma diferente. O uso das charges se mostrou mais eficiente do que o imaginado, as criações artísticas provindas do inteligente e inovador Fleiuss deram uma descrição única sobre o ambiente da guerra. Já o periódico paraguaio apresentou uma virtude, bom conteúdo, com pouco recurso. O *El Centinela* foi uma arma pouco utilizada e durou pouco tempo, entretanto sua utilidade para a história é notável.

A análise comparativa é presente constantemente nesse trabalho, desde as bibliografias sobre a chamada Maldita Guerra por Doratiotto até a guerra pessoal dos periódicos contra seus adversários. Páginas de jornais e revistas não são letais como

armas de fogo, não acabam com estratégias inimigas e muito menos estão presentes no campo de batalha. Entretanto, a imprensa enriquece a política, presenteia a guerra com uma nobreza não antes presente e principalmente é um dos maiores soldados em prol do voluntariado.

Fica claro que as atitudes de uma simples revista ou jornal podem influenciar o cotidiano de uma guerra, mesmo que de forma indireta. Todo o contexto histórico gera conclusões, geralmente essas conclusões são definidas pelos vencedores e o lado que perde não tem muita voz. Buscar expor o cotidiano dos periódicos define a voz de cada um dos lados, deixa que o vencedor conte sua história de vitória e o perdedor descreva suas tentativas até a derrota.

Não necessariamente a história contada por cada charge é literal e totalmente fiel aos acontecimentos. Entretanto, dar voz a documentos de época é presentear a história com mais um caminho, é garimpar toda e qualquer mina do conhecimento em busca de conclusões verossímeis. Esse trabalho apresenta a busca pela história já contada, recontada e com diversas versões criadas pelo tempo. Mas nenhuma das versões contadas pode ter a força de expressão que cada charge apresenta, o conteúdo imagético desse trabalho da vida a uma guerra morta, dá voz aos que morreram e expõe o pensamento dos que viveram tais acontecidos.

Referências Bibliográficas

BARROS, José D'Assunção. História Comparada – Um novo modo de ver e fazer a história –, Revista de História Comparada UFRJ, Rio de Janeiro, ed.1, 2007.

DORATIOTO, Francisco . Maldita Guerra; nova história da Guerra do Paraguai. 2/5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 615p .

El Centinela, periodico serio y jocos, 1867, ed. 1 – 36 <Disponível em:"
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=817228&PagFis=1>>

HEINZ, Flavio M. Experiências nacionais, temas transversais: subsídios para uma história comparada da América Latina. / Organizado por Flavio M. Heinz. – São Leopoldo: Oikos, 2009.

IZECKSOHN, Vitor . A Guerra do Paraguai. In: Ricardo Salles e Keila Grinberg. (Org.). O Brasil Imperial. Vol II. 1ed.Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2009, v. 2, p. 385-424.

MENDES, Jairo Faria; RABELO, Ernane. VIII Encontro Nacional de História da Mídia Unicentro, Guarapuava – PR, 2011.

RIBEIRO, G. S. ; BESSONE, T. (Org.) ; GONCALVES, M. (Org.) . EBOOK O oitocentos entre livros, livreiros, impressos, missivas e bibliotecas. 1. ed. Rio de Janeiro: Alameda, 2013. v. 1. 261p .CAPELATO, Maria Helena Rolim, A imprensa na história do Brasil – São Paulo: Contexto/EEDUSP, 1988.

SALLES, R. . Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. v. 1. 165p .

Semana Ilustrada do Rio de Janeiro, 1864 – 1870, ed. 211 – 520 <Disponível em:"
<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/semana-illustrada/702951>>

Semana Ilustrada: história de uma inovação editorial / Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. — Rio de Janeiro: Secretaria, 2007.

SODRÉ, Nelson Werneck, História da imprensa no Brasil – 4. Ed. (atualizada) – Rio de Janeiro: Mauad, 1999.